



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

Natanael Pabikãr Suruí

PAITER SADE MATERED MITER MÃHB ESAMEITXA EYAWEMIN
AWEITXA
CONHECIMENTO ANCESTRAL E A RELAÇÃO DO POVO PAITER COM A
CASTANHEIRA (*BERTHOLLETIA EXCELSA*)

Ji-Paraná, RO

2023





FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

Natanael Pabikãr Suruí

PAITER SADE MATERED MITER MÃHB ESAMEITXA EYAWEMIN
AWEITXA
CONHECIMENTO ANCESTRAL E A RELAÇÃO DO POVO PAITER COM A
CASTANHEIRA (*BERTHOLLETIA EXCELSA*)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná/RO, Departamento de Educação Intercultural, como requisito de conclusão da Licenciatura em Educação Básica Intercultural, na Habilitação em Ciências da Sociedade Intercultural, sob a orientação da Professora Dra. Roseline Mezacasa.

Ji-Paraná, RO

2023



AGRADECIMENTOS

Quero agradecer as pessoas que contribuíram na realização do meu trabalho. Primeiramente, quero agradecer a Deus (*Palob*) pela saúde e sabedoria durante a minha trajetória acadêmica. Em seguida aos meus pais, Agamenon Gamasakaka Suruí, meu mestre, que sempre teve prazer em me ensinar sobre nossos conhecimentos durante a minha pesquisa, além de me encorajar para seguir a conclusão do curso. Agradeço a minha mãe, Elza Gõpojog Suruí, minha sabedora, contribuiu para a realização do meu trabalho, pela força e incentivo que sempre me deu.

Agradeço aos meus irmãos, minhas irmãs e cunhadas que sempre me ajudaram financeiramente para me manter no curso e pelo incentivo que sempre me deram durante minha trajetória acadêmica.

Agradeço a todos meus professores do Departamento de Educação Intercultural (DEINTER - UNIR), lugar onde aprendi a conviver com todos durante as aulas e por ter me ensinado mais conhecimentos durante o curso, e aos meus colegas de curso, pelas suas amizades, sempre estarão na minha memória acadêmica.

Agradeço aos membros da banca, especialmente a professora Juliana Salles Machado e a professora Carolina Aragon que me incluíram em uma pesquisa maior, experiência muito importante para a minha formação, também agradeço José Palahv Gavião que foi meu companheiro de pesquisa e a professora Maria Lucia Cereda Gomide que também participou da banca e contribuiu com essa pesquisa.

Agradeço em especial a minha orientadora Roseline Mezacasa, que me incluiu no programa de PIBIC dando início da minha pesquisa, pela paciência, confiança e incentivo que me deu para a realização dos meus trabalhos.

Termino essas palavras agradecendo a minha comunidade e a Escola Estadual Tancredo Neves onde realizei algumas oficinas durante a minha pesquisa, muito obrigado a todos!



RESUMO

Ã soekare edana awemagã Lapetanha ekarah, Gãrah Sete de Setembro esade, Cacoal-RO ekoy e. Paiter Suruí esadena Tupi-Mondé ekoe ena awewã ani e, Tupi xagah esed edena. Ã sodîg edana awemagã ana Lapetanha eîh soeïtxayed-ey ema meremãwe mim, ena paiter esar esa mãhb sameikîd matered miter aniyã e. soekare dena awexagud aãh ena programa esed sade (PIBIC) wa Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Ã sodîg sadena soeïtere mãhb de Paiter ekabi ewemã e, mãhb epîne same pi iwexagud- ãn ãkoy aor ã ekarba emi iwesade ewemã e. Ã sodîg eka mãhb epîne mãwe sadana, soey-pereigue, pamalod, magãb-wah eyami magãb emi paiter sade amaxod emagã ani e mãwe. Enate eweya amayterin yara amain Paiter depi yãwe, ã mawena, eweya iwenane ena awemagã yã enate iwepaor pawêtigue depi yã, mûy je aõh dena soey-pereigue wemaõ oilud-ey jewe e, ete soepaor dena ãkalami paiterey kalab kabi magãb esade iwepipid ena awepãy ewe dena e. Ã sodîg esadena soeïtere paiter sade amalad emi amasoeïtxayed eitxa soeterena eyab eparka awekay amã meremãwe same ena emã e, enate amasoeïtxayed emi Paiter sade aweitxa gãrah atîne samena ewemã e.



RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na aldeia Lapetanha, Terra Indígena Sete de Setembro, localizada no município de Cacoal-RO. Os Paiter Suruí são falantes de Tupi-Mondé tronco Tupi. Este trabalho foi realizado através das narrativas dos sabedores da minha aldeia Lapetanha sobre os conhecimentos ancestrais dos Paiter Suruí com a castanheira. A pesquisa teve início durante as atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e depois se desdobrou neste Trabalho de Conclusão e Curso (TCC). Este trabalho vem trazendo a importância da castanheira para os Paiter, começando pela narrativa da história sobre origem da castanheira até chegar nos dias atuais. Dentro deste trabalho estão presentes a história da origem da castanheira, rituais, culinária, uso do ouriço ou castanha para produção de utensílios materiais Paiter. O trabalho também traz quais mudanças ocorreram após o contato dos Paiter com os não indígenas, ou seja, os pontos negativos e positivos que acrescentaram no pós contato. Este trabalho faz uma reflexão sobre a importância da valorização da cultura e da história indígena Paiter, como também a importância dos nossos conhecimentos na preservação da floresta a partir da sua relação com a natureza.



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	03
RESUMO.....	04
RESUMO.....	05
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I - MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E DE PESQUISA.....	19
1.1 Minha trajetória de vida.....	19
1.2 Minha trajetória escolar.....	20
1.3 Minha trajetória acadêmica.....	22
1.4 Minha trajetória de pesquisa.....	24
CAPÍTULO II - PAITER ESADE MÃHB ESAMEIKÎD AMASOEITXA YELEMI SABERES ANCESTRALIDADE PAITER COM A CASTANHEIRA.....	27
2.1 Magâb ewareh palob de sobagey eka ewe.....	27
2.1 História da castanheira: o dia que Deus (<i>Palob</i>) convidou todos os animais para comerem a castanha.....	30
2.2 Magâb pãye.....	35
2.2 Domesticação da castanheira.....	35
2.3 Magâb pikawe.....	35
2.3 Coleta da castanha na época da maloca.....	35
2.4 Magâb parkawe lab eka.....	36
2.4 Armazenamento da castanha na maloca.....	36
2.5 Pamalod magâb mater pamakobawe	37
2.5 Alimentação e castanha: aprendizados ancestrais.....	38
2.5.1 Taroy.....	39
2.5.1 Taroy.....	39
2.5.2 Magâb tagah.....	40
2.5.2 Magâb tagah.....	40
2.5.3 Magâb péyje.....	41
2.5.3 Magâb péyje.....	41
2.5.4 Orixiah sirayah.....	41



2.5.4 Orixiah sirayah.....	42
2.5.5 Morsay.....	43
2.5.5 Morsay.....	43
2.5.6 Yuid ey sirayah.....	44
2.5.6 Yuid ey sirayah.....	44
2.6 Magâb esipeab epãye - utilização do ouriço da castanha.....	45
2.6.1 Itxira.....	45
2.6.1 Cerâmica.....	46
2.6.2 Yuid emagã magâb esipeab ekawe.....	47
2.6.2 Ouriço da castanha para armazenar mel	48
2.7 Amaxodey emagã magâb emi - os usos das amêndoas da castanha para construção de materialidades.....	49
2.7.1 Borkah.....	49
2.7.1 Borkah.....	49
2.7.2 Noh.....	50
2.7.2 Noh.....	50
2.8 Sodiguêy itxa okobah sodigã ekoy.....	51
2.8 Oficina com os estudantes da escola.....	52
CAPÍTULO III - MÃHB ĞAD ALAWATAWE ENATE MAĞAB SADE	
IWEPIPID PAITEREY KABI E - MANEJO DOS CASTANHAIS E A	
GERAÇÃO DE RENDA PARA COMUNIDADE A PARTIR DA	
CASTANHA.....	55
3.1 Ākalami magâb pãye sade ani e.....	55
3.1 A castanha nos dias atuais.....	55
3.2 Magâb epîd pãye.....	56
3.2 Beneficiamento da castanha.....	58
3.3 Magâb kare.....	62
3.3 Experiência da minha família na coleta da castanha.....	63
3.4 Geração de renda.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71



INTRODUÇÃO

Meu nome é Natanael Pabikãr Suruí, pertencço ao povo Paiter Suruí, moro na Terra Indígena Sete de Setembro, aldeia Lapetanha (Linha 11), município de Cacoal, RO. A língua do povo Paiter Suruí faz parte da família linguística Mondé, tronco Tupi. Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido ao longo da minha experiência no curso de Licenciatura Intercultural Indígena, uma formação específica importante para a construção de reflexões e práticas para os saberes-fazeres dos professores para atuarem nas escolas indígenas, no interior das TIs a partir dos conceitos e orientações da Educação Escolar Indígena que valoriza a cultura, as especificidades dos povos indígenas, fortalecendo a língua materna, etc. A proposta de uma escola indígena diferenciada envolve o equilíbrio entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos advindos a partir do contato com os não indígenas.

A pesquisa que apresento agora em formato de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é fruto de um estudo que comecei a realizar em 2021 quando apresentei na Disciplina “Pesquisa Intercultural II” a narrativa da Castanheira (*Bertholletia excelsa*), a partir de uma entrevista realizada com meu pai. Depois fui convidado pela professora Roseline Mezacasa para participar do Programa de Iniciação Científica, sendo bolsista por dois anos no projeto “*Histórias da castanheira (Bertholletia excelsa), cacau (Theobroma cacao) e tucum (Astrocaryum sp.): plantas, narrativas indígenas e histórias profundas*”. Essa pesquisa também está vinculada ao projeto *História as margens: geografias políticas mundiais e fronteiras territoriais indígenas entre Andes e Amazônia no período (pré) colonial e suas repercussões contemporâneas* (CNPq, UFSC, UNIR, UFPB, Universidade de Bönne (Alemanha), coordenado pela professora Juliana Salles Machado (UFSC).

Dessa forma, meu TCC é fruto de anos de pesquisas entendendo a Castanheira na vida do povo Paiter. Muitas das histórias foram narradas pelo ancião da aldeia Lapetanha, Agamenon Gãmasakaka Suruí e pela sua esposa, Elza Gõpojog Suruí, que também fez muitas demonstrações de como a castanha era/é utilizada para produzir artesanatos e os alimentos tradicionais do povo Paiter Suruí. Gãmasakaka Suruí é meu pai e Gõpojog Suruí é minha mãe, os dois são parte fundamental deste processo de pesquisa e escrita,



sem eles não teria conseguido a riqueza e aprofundamento de conhecimentos ancestrais que trago nestas páginas.

Imagem 01 - Agamenon Gãmasakaka Suruí (meu pai) e Elza Gõpojog Suruí (minha mãe)



Fonte: Autor

As narrativas vão passando através das oralidades, Gãmasakaka, ancião Paiter, contou que as histórias vêm sendo repassadas de pais para filhos. Marcia Mura, pesquisadora indígena, em sua pesquisa de doutoramento, também destaca essas ancestralidades das histórias indígenas:

como é indicado nas narrativas de Valderlurdes, Edilene, João Irlei, Nilce, Almira, Ester Mura e Joabi Mura, os conhecimentos de cura, de sons vindos da floresta, dos movimentos das águas, comportamentos dos animais, os espirituais, os de temporalidades, os de estratégia para lidar com a mata, os de



tomada de consciência indígena e retomada territorial e cultural vêm da natureza e são repassados por seus pais (MACIEL, 2016, p. 614).

Na mesma linha de Mura, Gãmasakaka contou que o seu pai, Marimop, contava histórias sobre a origem dos Paiter quando ele era criança. Gãmasakaka contou, através do que aprendeu com seu pai, que a origem dos Paiter se iniciou pelo lado da nascente do sol.

Segundo contam os Paiter, viemos do lado de Cuiabá-MT. Os Paiter naquela época tiveram muitos conflitos com outros povos por disputa de territórios, tiveram também contatos com não indígenas, que por sua vez forçaram o nosso povo a trabalhar para eles sem receber nada em troca, trabalho escravo.

Conforme escreveu o pesquisador Paiter, Weymilawa (2015):

o povo indígena Paiter, antes do contato, tinha muitos clãs, como o Kaler ey (borboletas) mas que acabaram sendo extintos nas guerras que tratavam. hoje existem apenas quatro clãs Kaban (fruta meridiba), Gãpgir (marimbondo branco), Gãmeb marimbondo preto, e Makor (taquara), descrito aqui de acordo começando com o clã mais numeroso até o menos numeroso (WEYMILAWA, 2015, p. 27).

Nessa época havia muitos clãs dos Paiter e a maior parte foram extinto nesse tempo, só alguns clãs conseguiram fugir para a floresta. Com medo de outros povos e dos não indígenas, os Paiter construíram canoas para atravessar grandes rios e durante a travessia foram atacados pelos grandes peixes, muitos morreram, e assim os Paiter chegaram as terras que são hoje chamadas de Rondônia.

Em meado de 1969 os Paiter tiveram contato oficial com os não indígenas. A Terra Indígena recebeu o nome do acampamento da FUNAI estabelecido pelo sertanista Francisco Meirelles na região em 7 de setembro de 1969, por isso ela chama Terra Indígena Sete de Setembro.

Como escreveu Weymilawa (2015):

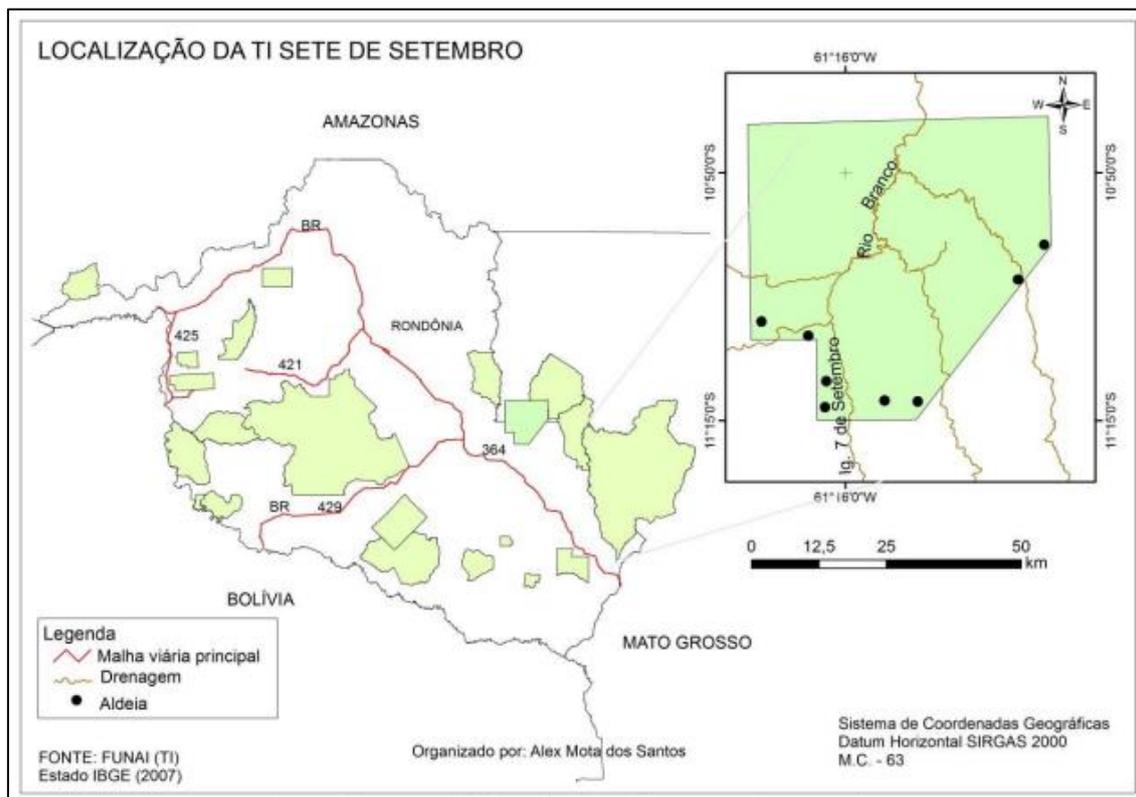
somos Paiter, ou seja, nós mesmo, no início do contato os não indígenas observaram outros grupos indígenas da região nos chamando de yory, então confundiram o som de yory e nos deram o nome de Suruí, dizemos yory yway ey, aquele que tem risco no rosto principalmente para mais velhos (WEYMILAWA, 2015, p. 24).

Dessa forma, embora muitos não indígenas ainda nos chamem de Suruí, tradicionalmente utilizamos o nome Paiter para referir ao nosso povo. A Terra Indígena



Sete de Setembro abrange os municípios de Cacoal, Espigão D` Oeste (RO) e Rondolândia, no estado de Mato Grosso. Ocupa uma área de 248.146, 9286 hectares.

Imagem 02 – Localização Terra Indígena Sete de Setembro



Fonte: SANTOS, 2014

A nossa terra indígena é muito importante, pois a natureza não é apenas uma paisagem de floresta, rio, animais e ar, porque nós acreditamos que cada ser tem seus próprios espíritos que cuidam, então é por causa disso que cada elemento da natureza tem a sua importância de existir, também de como ser utilizado, isso se cria através da relação que temos com a natureza. Iram Káv Sona Gavião ao refletir sobre a Terra Indígena em que seu povo Gavião vive, escreveu:

Muitas vezes os indígenas são questionados que tem muita terra, mas as pessoas que dizem isso não se aprofundam nesse tipo de conhecimento. Temos que entender porque nós indígenas precisamos de muita floresta, muita terra. A floresta é a nossa inspiração. Existe necessidade de ter tudo isso porque nossa vida está ligada nela. Acreditamos no Tih da floresta, da água e precisamos preservar o abrigo desses Tih, para não acabarmos com esses seres que são nossos parceiros e com quem vivemos interligados. Nós não estamos sozinhos



aqui na terra, temos ligação com esses seres que podem nos ajudar enviando caça, nos proteger de outros espíritos e assim por diante (SONA GAVIÃO, 2015, p.54).

Assim, a floresta para nós é vida.

Imagem 03 – Castanheira no interior da Terra Indígena Sete de Setembro



Fonte: Autor

Neste trabalho o foco será entender a castanheira em múltiplos contextos da vida Paiter, na Terra Indígena Sete de Setembro, nosso território, onde vivemos, podemos ver



muitos pés de árvores castanheiras (*mãhb-ey*) umas perto das outras, ou seja, castanhais (*Mãhgâlah*). Ela é uma árvore que tem bastante significado para nosso povo Paiter, ou seja, é uma árvore sagrada, porque a nossa história conta que a castanheira era planta que pertencia a Deus (*Palob*) antigamente. A história também conta que o próprio *Palob* fez com que a castanheira ficasse bem alta, por motivo de que não gostou de ver as crianças maltratando seus frutos.

Em nossa cultura a castanheira não pode ser cortada de qualquer maneira, porque ela tem o seu dono, por isso há regras para cortar o pé de castanheira. Entre o povo Gavião, Iram Káv Sona Gavião também destacou regras que envolvem os rituais do povo, conforme escreveu “[...] durante o ritual executado pelo vaváh, algumas proibições, regras, são impostas ao povo” (SONA GAVIÃO, 2015, p. 31). Nós povos Paiter acreditamos que *Palob* mantém seu pé em cima da castanheira, então para cortar é preciso pedir permissão para seu dono *Gõrah*, pedindo-o para levantar seus pés, também pedindo para ele não mandar tempestade.

A castanheira também não pode ser cortada por qualquer pessoa a não ser pessoas importantes, como líderes dos clãs e guerreiros. Se a pessoa cortar sem a permissão do *Palob* diz que vem grandes tempestades para castigar o tempo. Castanheira era vista como árvore sagrada, ou seja, cortar o pé da castanheira já era um ritual. Muitas vezes, no tempo dos antigos, as pessoas iam cortar castanheira para medir a força do seu espírito de guerreiro, ou seja, a força de uma pessoa importante.

Segundo a cultura Paiter quando a pessoa corta a castanheira e *Gõrah* castiga com o tempo, com forte chuva e vento, significa que o espírito da pessoa é fraco, ou seja, ele não é uma pessoa importante ou guerreiro forte, mas quando a pessoa derruba a castanheira e *Gõrah* não manda grande chuva e forte vento, significa que ele é uma pessoa importante, grande guerreiro. Então a castanha tinha esse respeito pelos Paiter, como veremos com mais detalhes abaixo.

Antes do contato e até os dias atuais, nós povo Paiter Suruí, temos um ritual de pedir para *Gõrah* (dono da castanheira) esperar um pouco para que possamos catar castanha embaixo do seu pé. Esse ritual é feito em assobio - *atemare Gõrah* – que quer dizer, “*espera um pouco Gõrah*”. Esse ritual é feito para a segurança, para não deixar que o ouriço da castanha caia em cima das pessoas.



A floresta precisa ser cuidada, como escreveu o pesquisador indígena José Palahv Gavião:

Percebo a floresta com espírito, ou melhor, com alguém que é invisível e que cuida daquele lugar. Cada território existente tem o ser invisível que cuida da sua região e isso é um elemento que deixa a natureza muito importante para nós, o povo indígena Ikólóéhj-Gavião. Por essa razão, não podemos deixar que a nossa floresta seja eliminada, que os grupos inconscientes eliminem o que restou para a vida, que acabem com o que é o melhor para nossas vidas e almas (PALAHV GAVIÃO, 2023, p. 04).

Sendo assim, a pesquisa desenvolvida foi orientada a partir dos princípios metodológicos da História Indígena, enquanto campo do conhecimento, justamente para fortalecer que para nós, os povos indígenas, a floresta é constituída de múltiplas histórias, que envolvem as plantas e nossas relações com elas e delas com o povo, sendo assim, Histórias Indígenas.

Realizei uma revisão bibliográfica sobre a temática estudada, relação dos povos indígenas com as plantas presentes no interior dos territórios. A partir da revisão acessei os trabalhos de muitos parentes pesquisadores, entre eles Iram Káv Sona Gavião (2015), Renato Labiway Suruí (2015), Luiz Weymilawa (2015), José Palahv Gavião (2023), Gisele Montanha (2014) e Márcia Mura (2016). Também realizei leituras de pesquisadores não indígenas que atuam na área de antropologia, tal como o antropólogo Descola (2007), e na área de História Indígena, entre eles Mezacasa (2021). Todas as leituras foram importantes para minha formação acadêmica, enquanto futuro professor, bem como enquanto pesquisador indígena, apropriando debates acadêmicos para dialogar com os conhecimentos ancestrais do meu povo Paiter.

Ao longo dos capítulos muitos itens serão escritos em língua materna, principalmente o capítulo II. Para nós, povos indígenas, a nossa língua materna é muito importante. Desde a criação do mundo *Palob* (Deus) deu a nossa própria língua para nos comunicar entre nós dentro da nossa comunidade. Então a nossa língua já vem desde nossos antepassados até chegar nos dias atuais. Quando falamos em nosso idioma é possível que outros povos e não indígenas vejam que somos Paiter, através da nossa língua, nosso jeito de viver e respeitar nossa cultura. É por isso que é muito importante para nós não esquecermos da nossa língua que é a nossa identidade, e aprender a praticar a fala, nossa língua com nossos anciões desde a nossa infância.



Por esse motivo optei em fazer a transcrição na língua materna das entrevistas que realizei para meu trabalho, mesmo tendo muita dificuldade. A leitura do trabalho de pesquisa do intelectual indígena Ira Káv Sona Gavião, me ajudou a compreender os métodos que nós indígena vamos construindo em nossas pesquisas, que em muito também fortalecem a construção de novas metodologias acadêmicas, pautadas nas nossas epistemologias do fazer. Conforme escreveu Sona Gavião (2015):

[...] eu posso dizer, que talvez o meu “método” de trabalhar foi mais ou menos assim: ouvia o mais velho falar na língua materna, eu interpretava na língua materna, e ao ouvir a gravação, memorizava várias vezes, lembrando o momento da fala ou a cena da entrevista, “reescutando” na língua materna. Depois disso, traduzia para a língua portuguesa, pensando em português, procurava as palavras que alcançasse o significado, em seguida escrevia o texto em português e o relia várias vezes. Voltava tudo de novo e começava. Quando achava outras palavras tirava umas, acrescentava outras, substituindo. Ou seja, foram processos múltiplos de tradução, interpretação, transcrição e transcrição (SONA GAVIÃO, 2015, p. 27).

Assim, em um trabalho bilingue, dialogando com intelectuais indígenas, construí os resultados da pesquisa neste trabalho de conclusão de curso.

Enquanto pesquisador indígena busquei olhar minha cultura, as histórias indígenas do meu povo a partir de um olhar observador e curioso para a construção do registro das histórias sobre a castanheira. Conforme escreveu o antropólogo Descola (2007), para fortalecer os conhecimentos:

[...] é necessário ir ao encontro das pessoas e observar seus costumes, suas formas de fazer, de dizer; é necessário compartilhar sua vida cotidiana durante vários anos, aprender aquilo que sabem, compreender aquilo que fazem [...] (DESCOLA, 2007, p. 9).

No meu caso, enquanto indígena, filho dos principais narradores desta pesquisa, foi um bom desafio acadêmico me colocar enquanto pesquisador, que me fez despertar para um novo olhar, olhar que acompanha cada detalhe dos processos de contação de histórias e confecção das materialidades do meu povo.

Para realizar os registros da pesquisa, tão importantes para comporem um acervo de fotos/vídeos/áudios sobre o tema, o uso das câmeras fotográficas e gravador de áudio foram essenciais. Em várias etapas utilizei a câmera do meu celular, ferramenta tecnológica que dentro dos territórios tem auxiliado muitos povos a registrar sua cultura.



Como já mencionado, a minha pesquisa foi realizada através das participações dos meus anciões, meu pai Agamenon Gãmasakaka Suruí que contribuiu com as histórias orais e minha mãe Elza Gõpojog Suruí que por sua vez apresentou alimentos tradicionais que são produzidos a partir da castanha. Sempre escolhia um local silencioso para gravar a história que meu pai estava contando, para não gravar barulho, como, beira da aldeia ou na maloca quando não tinha bastante pessoas, depois eu transcrevia todos os áudios. Durante as transcrições dos áudios tive muita dificuldade de traduzir em português. Quando eu pedia para minha mãe fazer algumas atividades, sempre fizemos na maloca, porque é o lugar que ela gosta de ficar fazendo suas atividades, até mesmo descansar durante o dia.

Imagem 04 - Elza Gõpojog Suruí (minha mãe) no interior da maloca fiando algodão



Fonte: Autor



Em diálogo com o trabalho da professora Roseline Mezacasa, cito um trecho que descreve a complexidade dos “lugares” de histórias no interior de uma terra indígena. Conforme Mezacasa:

a experiência de campo mostrou que as histórias indígenas não estão somente nas oralidades, mas, podem se apresentar nas expressões da pintura do corpo, nos modos de fazer, modos de colher, nas relações entre humanos e não humanos, na relação que se dá ao longo dos territórios experienciados (MEZACASA, 2021, p. 38).

E assim, fui registrando a presença da castanheira não somente na alimentação do povo Paiter, mas em inúmeras materialidades que o nosso povo constrói e utiliza no cotidiano da aldeia, como veremos ao longo do trabalho. Dessa maneira, sabemos que a experiência da pesquisa na área da história indígena não está somente na gravação de entrevistas, mas na experiência vivenciada em diferentes lugares e saberes cotidianos, tal como a vivência na coleta da castanha, entre outros.

A pesquisa trouxe grandes reflexões sobre a importância da história do nosso povo, principalmente, os impactos gerados a partir do contato, tornando muitas dessas histórias desconhecidas dos jovens indígenas e ainda, muito mais, dos não indígenas. Isso ocorreu após ter contato como a sociedade envolvente, ainda mais com a entrada da religião como cristianismo dentro da comunidade Paiter. Iram Káv Sona Gavião (2025) também percebeu os impactos da religião entre os Ikólóehj (Gavião), segundo ele:

Um dos motivos que acredito ter levado ao enfraquecimento desta aliança com os Garpiéhj é a influência de uma religião externa, o cristianismo, que tomou o espaço da religião Ikólóehj que antes era praticada com frequência e hoje é praticada raramente. O ensinamento dos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil considerou essa prática do vaváh como um trabalho maligno (SONA GAVIÃO, 2015, p. 55).

Durante a realização de cada atividade percebi o quanto o nosso conhecimento está ficando fraco a cada dia, com a falta de práticas e sem interesse dos mais jovens pelos nossos conhecimentos tradicionais. Dessa forma, o papel dos professores e professoras indígenas deve ser valorizar a cultura, a língua e fortalecer nossa forma de ver o mundo no interior das escolas indígenas e, espero que este trabalho contribua com essa posição política e histórica dos professores e professoras.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo apresentarei a minha trajetória de vida, escolar e acadêmica, bem como meus aprendizados enquanto



bolsista de Pibic. No segundo capítulo, a partir dos sabedores, apresentarei uma organização dos dados que envolvem as relações entre os Paiter e a castanheira, a história da planta, os usos na alimentação e os usos na produção de materialidades. Por fim, no último capítulo, será compartilhado com os leitores aspectos da comercialização da castanha em dias atuais, a partir das organizações Paiter para a geração de renda e manutenção da floresta em pé.



CAPÍTULO I

MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E DE PESQUISA

1.1 Minha trajetória de vida

Meu nome é Natanael Pabikãr Suruí, pertencço ao clã Gãmeb, do povo indígena Paiter Suruí, moro na Terra Indígena Sete de Setembro, aldeia Lapetanha, linha 11, no município de Cacoal, estado de Rondônia. Nasci em 19 de março de 1996, sou filho de Agamenon Gãmasakaka Suruí e Elza Gõpojog Suruí, tenho 5 irmãos e 4 irmãs.

Como toda criança, na minha infância eu sempre gostei de brincar com outros meninos, brinquei de carrinho, jogar bola, esconde-esconde, roubar bandeira e outros. Geralmente quando eu não tinha carrinho, eu mesmo montava meu carrinho de madeira e usava tampinha de garrafa de refrigerante como pneu, no outro dia eu jogava futebol com meus amigos, pra nós não tinha horário certo pra jogar, ou seja, jogávamos de manhã, na hora do almoço e de tarde. A noite era esconde-esconde e roubar bandeira e também brincávamos de arminha. Também eu e meus amigos brincávamos de casinhas na beira da aldeia e lá os mais velhos formavam casal com as meninas e os mais novos eram como filhos deles, lembro que nós imitávamos as atividades dos adultos, como a caça e fazer derrubada de roça.

Conforme eu fui crescendo comecei ajudar meus pais no trabalho da roça, lembro que os primeiros trabalhos que fiz foi plantar cará, mandioca, milho e amendoim na derrubada nova, nós temos costume de plantar depois da primeira chuva, até nos dias atuais. Quando eu tinha mais ou menos dez anos de idade comecei a trabalhar junto com meus pais na colheita de café. E assim fui crescendo na minha adolescência, estudando na escola da minha aldeia e quando não tinha aula ajudava no trabalho de roça, mas isso não mudou muito, até nos dias de hoje faço essas atividades com minha família.

Trabalhamos na lavoura de café, banana e cacau, esses produtos são principais fontes de renda para a maioria da minha comunidade, além da coleta de castanha durante sua época.



Imagem 05 – Meu irmão, Dyjhonatan Oypitin Surui, trabalhando na roça de café



Fonte: Autor

Na aldeia onde moro tem 25 famílias, aproximadamente 90 pessoas. Maioria da minha comunidade trabalha como agricultor, e algumas pessoas têm a profissão de ser professor, agente de saúde, enfermeira e outras áreas, como trabalhar na Associação e na Cooperativa.

1.2 Minha trajetória escolar

Quando eu tinha 6 anos de idade eu comecei a estudar na Escola Indígena Estadual Ensino Fundamental e Médio Tancredo Neves, que fica dentro da minha aldeia. Lembro quando meus pais me disseram que eu iria começar a estudar pela primeira vez, eu fiquei ansioso para ir à aula, porque eu não tinha ideia de como era estudar na escola, e a



professora ainda era não indígena, que se chamava Fabíola e muitos a chamavam de Fábila. Chegando o dia da aula eu fiquei pensando como iria me comunicar com a professora, porque eu não sabia falar português e só compreendia algumas palavras, mesmo assim queria muito ir para aula estudar, porque todos os alunos ganhavam uniformes e materiais escolares no início das aulas.

A escola ficava no centro da aldeia e era de madeira. Nesse tempo a professora Fabíola só dava aula até ensino fundamental, durante todos os recreios os próprios alunos e professoras faziam merendas, e nós brincávamos de roubar bandeira e de queimada com outras turmas. No meu primeiro ano de aula, lembro que a professora nos ensinava a pintar desenhos, em vez de letras, ela fazia um tipo de risco e pedia para nós fazermos igual embaixo. A maioria das vezes no início e no final da aula a professora nos ensinava a cantar músicas infantis, e a gente adorava cantar, isso nos animava muito para ir à aula dela, ela era muito legal conosco. Todo final da aula a gente montava na moto dela e íamos na represa para tomar banho, eu tive aula com a professora até 1ª série.

Já no início da 2ª série eu comecei a frequentar aula com outro professor, dessa vez foi professor indígena Arildo Suruí, primo do meu pai. Conforme eu estava estudando já comecei a ler e escrever, então eu já compreendia um pouco da língua portuguesa, como ele se comunicava em nossa língua materna, o estudo ficou mais fácil para eu poder fazer perguntas e também entender a explicação dos conteúdos. Ele era muito legal conosco durante as aulas, gostávamos muito das aulas.

Na 3ª série até 4ª série Renato Labiway Suruí (irmão do meu pai, infelizmente ele não está mais entre nós, está com Palob) foi meu professor, ele foi um professor bem sério, não conversava muito conosco durante as aulas, mas ele era um bom professor, explicava muito bem os conteúdos, em algumas disciplinas dele eu fiquei em recuperação e isso me dava muito medo de reprovar e repetir a mesma série no próximo ano, porque alguns dos meus colegas passavam direto, esse era o meu medo, ficar pra trás dos meus colegas, mas no final eu sempre passava depois do sufoco.

Quando passei para 5ª série me lembro que antes dos inícios das aulas, fiquei muito preocupado, ou seja, pensando muito como que vou me comunicar com meus professores não indígena, eu pensava todo dia, porque eu tinha muita dificuldade de falar em português. E todos os professores da 5ª série eram não indígena. Mas quando eu comecei a ter aula com eles não foi tão difícil como pensei, a maior parte da explicação



dos professores eu entendia, mas na hora de falar tinha muitas dificuldades, isso eu tenho até hoje, dificuldade para falar em português mesmo que eu entendo. E assim fui terminando ensino fundamental na escola da minha aldeia.

Depois que terminei ensino fundamental na escola da minha aldeia, no ano seguinte, meus pais me matricularam na Escola Monteiro Lobato para fazer Ensino Médio, a escola fica aproximadamente 15 quilômetro da minha aldeia, já pertencia a zona rural do município, ou seja, fora da Terra Indígena. Estudar nessa escola foi muito desafiador para mim, porque para ir à aula tinha que acordar bem cedo para pegar o ônibus escolar na divisa da Terra Indígena, isso ficava 5 quilometro da minha aldeia. De segunda a sexta feira eu acordava 4h30min para fazer meu café da manhã, com minha irmã Odete Suruí e nós saíamos de casa às 5 horas da manhã, junto com nossos primos, Manassés, Mereweu e Tonica, todos nós saíamos juntos. Às vezes eu nem tomava café porque acordava tarde para não ficar atrasado e eu tinha que ir a pé para pegar o transporte escolar. As vezes quando nós chegávamos mais cedo no ponto do ônibus escolar, nós parávamos um pouco na casa dos nossos parentes na outra aldeia, até ele chegar.

Na escola eu ficava até às 15 horas da tarde, praticamente quase o dia inteiro. Nem todos os dias tinha merenda, na maioria das vezes eu e meus primos fazíamos vaquinha para comprar algumas coisas para nós comermos, para nos manter na aula ou levava marmitta para comer na hora do almoço, na volta para casa, depois das aulas, nós chegávamos juntos também, lembro que nós contávamos piadas ou historinha no caminho, às vezes no caminho alguém que vinha da cidade oferecia carona para nós.

Assim era nossa luta do nosso estudo quando estudamos juntos na linha, são essas dificuldades de acordar bem cedo e da comida que me fez pensar muito em desistir de ir para a escola, mas consegui terminar mesmo assim. Quando estudei na linha, aprendi a falar um pouco em português, fiz muitas amizades com os meninos da minha turma e com professores. Assim foram os meus quatro anos do Ensino Médio, muita luta até terminar. Terminei o Ensino Médio no ano de 2015.

1.3 Minha trajetória acadêmica

Quando terminei o Ensino Médio lembro que fiquei parado até 2017 por motivo que não tinha condição para continuar meu estudo, ou seja, fazer faculdade, lembro que em 2016 eu fiz o primeiro vestibular da Licenciatura Intercultural (UNIR). Confesso que



eu estava bem confiante, que eu ia conseguir bolsa para fazer faculdade, mas infelizmente não consegui, então eu fiquei bem triste com meu resultado, mas ao mesmo tempo tive esperança de que iria chegar a minha vez. Até que no final de 2017 fiz outro vestibular da Licenciatura Intercultural, dessa vez meu nome caiu na 4ª chamada para fazer matrícula. Fiquei muito feliz, então fiz minha matrícula para ingressar na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Ao chegar o tempo da minha primeira aula na UNIR fiquei com muita expectativa de aprender novos conhecimentos, porque era minha primeira vez na faculdade e foi assim, os conteúdos foram um pouco sobre o que eu tinha aprendido no meu ensino médio, então as aulas não foram tão difíceis como eu imaginava. Durante três meses eu ficava morando em Ji-Paraná, estudando, depois deslocava para minha aldeia mais três meses e retornava depois para o curso, assim foram meus estudos durante o curso.

Dificuldade financeira foi meu maior desafio, porque todas as vezes que eu ia para aula tinha que alugar casa, comprar comida, pagar conta de luz, água e transporte. A bolsa auxílio ajudava um pouco para minimizar as despesas. Em 2019 fui selecionado para participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), sob a coordenação da professora Dra. Josélia Neves. Em 2020 também fui convidado pelo professor Dr. Quesler Camargo Fagundes para participar do Programa de Residência Pedagógica, durante um ano e meio, ao longo do programa tive a oportunidade de aprender e conhecer como é feito o Projeto Político Pedagógico de uma escola e também os seus objetivos para a formação do aluno na Escola Indígena. Também aprendi a desenvolver o plano de aula, ou seja, planejar minha aula para trabalhar na sala de aula com os estudantes e fazer relatório ao final da aula, tudo a partir da realidade da comunidade. Isso foi um pouco difícil para mim, porque eu ainda não tinha conhecimento deste trabalho como professor, mas consegui desenvolver apesar de muitas dificuldades.

Como futuro professor das áreas de Ciências da Sociedade eu espero poder contribuir com a minha comunidade, através do meu estudo que fiz durante o curso. Trabalhar o conhecimento envolvente durante minhas aulas e também desenvolver trabalhos/conteúdo em cima do conhecimento do nosso povo. Com objetivo de que os alunos possam conhecer, aprender e respeitar culturas diferente, saber valorizar conhecimentos envolvente e dos conhecimentos dos seus ancestrais, porque a nossa



cultura tem a sua importância para nosso povo e ela precisa ser preservado para gerações futuras.

1.4 Minha trajetória de pesquisa

No ano de 2022 fui convidado pela professora Dra. Roseline Mezacasa para participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), em 2023 foi aprovada a continuidade da pesquisa por mais alguns meses. Durante o período da pesquisa de PIBIC fiz estudos sobre a castanheira (*mãhb*) a partir da realidade do meu povo Paiter Suruí, ou seja, pesquisei a importância e a relação que os Paiter têm com a castanheira e também a sua origem. Durante essa pesquisa aprendi muito com meus avós que foram meus pais, Agamenon Gãmasakaka Suruí e Elza Gõpojog Suruí. Conheci a história da castanheira e dos animais, os rituais, alimentação e os artesanatos que podem ser feitos a partir da castanha.

Imagem 06 – Apresentação da pesquisa durante o I Congresso Internacional de História da Amazônia (CIHAM - 2023)



Fonte: Autor



Como acadêmico da Licenciatura Indígena Intercultural participar dos programas das pesquisas foi muito importante para mim, porque através dessas pesquisas aprendi como eu posso elaborar projetos e planos de aulas. Também tive a experiência de apresentar meus trabalhos em eventos locais e regionais, coisa que eu tinha mais medo, porque era muito tímido. Primeiro de tudo tive muita dificuldade de usar computador para digitar meus trabalhos, conforme fui mexendo, fui aprendendo aos poucos e assim por diante, então durante minha trajetória na Universidade aprendi novos conhecimentos.

Quando entrei no curso sempre me preocupei com o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Eu não tinha ideia de como escrever ou desenvolver uma pesquisa, isso era no início do curso, lembro também que os professores falavam para nossa turma já pensar no tema do TCC. Isso me dava mais medo, porque eu não tinha ideia de como escolher tema ou qual tema iria escolher. Até que quando eu estava participando do Programa da Residência Pedagógica com professor Dra. Quesler, ele explicou que poderíamos escolher a pesquisa que estávamos desenvolvendo durante o programa como tema para o TCC. Nesse momento eu estava fazendo pesquisa sobre as Plantas Medicinais utilizadas pelos Paiter dentro da nossa comunidade, essa foi a minha primeira pesquisa acadêmica. A partir dessa ideia fiz meu máximo para aprender a desenvolver pesquisa, como: gravei vídeo, fiz fotografias e transcrevi as entrevistas orais, foi um sucesso minha pesquisa. Como essa pesquisa tinha sido um bom trabalho já tinha escolhido esse tema para minha pesquisa de TCC. Contudo, em 2022, a professora Dra. Roseline Mezacasa me convidou para participar do PIBIC.

Enquanto plano de pesquisa do PIBIC realizamos pesquisas sobre a castanheira de acordo com o conhecimento dos Paiter Suruí. Gravei história, fiz fotos das atividades, dos artesanatos que foram produzidas a partir da castanha e relatórios da pesquisa, aprendi também a comunicar com outros autores dos livros para fazer meu relatório, confesso que eu não tinha esse conhecimento e para fazer isso, tinha que ler os trabalhos de vários autores indígenas e não indígenas.

Como eu sempre gostei de ouvir histórias contadas pelos meus pais, isso me deu grande interesse de conhecer e aprender os conhecimentos do meu povo que eu não sabia ainda em relação a castanheira. Foi assim que eu fui encontrando a meu tema de pesquisa para o TCC, através das pesquisas dos programas que participei durante o curso.



Quando eu estava fazendo minha pesquisa com meus pais, percebia que eles gostavam de me ensinar sobre a nossa cultura, porque eles mesmos me falavam que eu podia aproveitar aprender com eles para ensinar meus filhos no futuro. Durante as nossas atividades meus irmãos, cunhadas e filhos entravam na maloca para ouvir as histórias, também para ajudar e aprender a fazer comidas para nós, isso fazia os anciões mais felizes. Assim fui finalizando minha pesquisa, aprendendo uma coisa de cada vez com ajuda da minha família e minha orientadora.



CAPÍTULO II

PAITER ESADE MÃHB ESAMEIKÎD AMASOEITXA YELEMI SABERES ANCESTRALIDADE PAITER COM A CASTANHEIRA

Neste capítulo apresentarei os conhecimentos ancestrais do meu povo Paiter, registrados a partir do desenvolvimento da pesquisa. Vou apresentar os tópicos na língua indígena e, posteriormente, em língua portuguesa, a numeração do tópico será a mesma em língua materna e em português. Os desenhos que ilustram esse capítulo foram feitos pelos alunos da Escola Estadual Tancredo Neves, durante uma oficina realizada em abril de 2023¹, quando o tema central da atividade foi ouvir a narrativa da Castanheira e a partir dessa experiência construir reflexões junto dos estudantes da importância da floresta e das histórias indígenas atreladas as plantas.

2.1 Magâb ewareh palob de sobagey eka ewe²

Ana Magâb dena e. anhûd papih peud alabate aah aahta. Eyab emapah amuguey dena yarikâr emi ena, tabog, taboga ikay ena e. Ebo Palob dena aseregud eka e. Gõrah one elá ã olãmãah mapah amuguey sade aki in dena ikay. Eyaweka dena anohpite ena takab, takab ena ikay. Eyawekadena perêh tar ter belina ikay e. ete egãba eybi ikîd areh ikay, anoh wabi tene emitota dena ikay. Ebo Palob leregud dena porodãg ena xagãmã ena e. ebo takab, takab ena xaki ena e.

¹ Agradeço a Douglas Oyihb Surui, Ferike Oypakami Surui Cinta Larga, Alex Surui, Kaylane Suruí e Gabrielly Cássia de Jesus.

² Para ouvir a narrativa contada pelo ancião Agamenon Gãmasakaka Suruí na língua Paiter clique no link que segue: https://drive.google.com/file/d/1GeSk_gLLsnnSScglcsyA0MmYrSabHLOA/view?usp=sharing



Ebo dena ena yakaba ena mawanã palob dena e. serele, serele, serele, serele ena e. yebo mãhb abih sinapoh õb, yenâb yakaba dena eybi iîb mã Gorah ena ikay e. ebo madena aybi wenab sar ikîd ena e. ay kana bemana pawaguey peremaki pagãy txarah dena ikay e. ate palah iweiga te tapih dena ikay. Ete palob eya itxor eka kana soemagã yekoya merekar yã polode. Ete Palob seregud eya yab emagã te masa yekoy poh. Kana soemagã



ãpabih, ete seregud eya îh magã te masa poh, gã magã te masapoh, ih wekar te masapoh, iwexãd Palob gã tarã polode. Eyaweka Gõrah, Palob dena ikay, one ela lokobehtih peremite esergõy îh te ixîd eka takab, takab, dig, dig, dig, dig eyaweitxa parasoga yêh taraduga te esergõy esaga ear in dena ikay. Ebo Palob leregud ena made akay eka parasog xûh taratõg ena. Aîb ter ar ena e. pukub dena magãbah mã Palob dena, sob, sob, sob pika ikay. epug, kana bemina pawapaguey peremaki pagãy txarah dena ikay. Ate pala iweiga te tapih Palob sadena ikay.

Ete palob leregub dena atagõ iter tar e. ete dena itxer kane iter liyã ena Palob gã e. one te itxer tesinapoh dena ikay. Anotiga te ih karud kosidxorud ned nãg sinapoh Palob dena ikay. Iyab mi belaka eitayã, boh Palob leregud dena, boh, boh, boh ena ãkoy bo masina ogãy poh yagõy aka. Ete dekena ih amih tor ikîd aka ena ekoy e.



Tag dekena amih aahten aka ena gûd, gûd ah ena ikay e. ena yakaba morib moy ena gâna kanaka yâ polode. Maboh tih polode iweyway eka e. ete kana omã Gõrah mana Palob dena iyõb nota e. boh ena kabi e. ebo dena pipeh pixah ikîd aor ena ih abeh eka e. kana omã Gõrah mana ena ikay, Gõrah, Gõrah ena ikay e. ûg, ûg, dena ih ibikoy ena ikay. Pukub



makarawab emã tãb, tãb, eyab emi ih ami eka dxug, dxuya emi e. lîh ih dena akagã. maboh tih abor, penêb gûb liporowab nhod dena anote ena e. kana bemana pawapaguey peremaki pagãy txarah dena ikay. Ate pala iweiga te tapih Palob dena ikay e.

Ebo tajena magãb akih ena e. magãb ewareh ena бага sobaguey eka e. paiterey ena tasaba ena e. one tajena sobaguey ena, paiterey ena tajena etigã e. etiga tasadenay tamã sobag mayã ena e.

Ebo wakoyah dena mãhb guir eob eka, ana oje ãtotah omiyãh eahb ena eterah ena e. eyawemi te tamari dena, ana oje ãtotah oypuab ena eterah ena mãhb niga eka e. ana lina ani in tajena tar e. eyaweka Palob dena onebo meyxa ena boîh obayey ena takay e. iyeh, ena anebar toyxamaîh tajena. Magãb akãy txír apah, magãb somab txir, magãb kírwah wapah paiter dena бага ariga ena, eh Palob leregud de magãb akíh eka ena e.

Etiga te tajena akah wewah ena, mawakoy xarmeh, mawakoy xarmeh, xarmeh xarmeh. Mawakoy xarmeh, mawakoy xarmeh, xarmeh, xarmeh ena iwewa e. Ebo dena ate oya okah wewah îh obay ena ikay. oyah, bote teya eka wewa poh, palob dena ikay e. iyeh, yeanar lakamaih, bú dena aka e. pawapaguey yab mosã ena eyaka, tayab magã



elabatar areh, pawaguey yab ayar tar areh Palob dena ikay. Kana beguina malamãrate pawapaguey eka, Xeregud ya ikay txarã polode, akoub emî tarã. Kanaîh wakoyah dena ikay, wakoyah ena eyaka areh tela egayã, Palob dena ikay. Pawapaguey yab mosã ena eyaka, tayab pagã elaba, tayab ayar epa tar areh teya ogã poh, ya iweka ikayã polode. Ebo dena aka amasobag nã ena e.

Ebo tamari dena aor akah wewa ena e. Xiberad asar omã, Xiberad asar omã, wakixã xigih, wakixã xigih. Teh oyah okah wewa in omay, (Palob) dena, taineh, one anebar eya eka, wewa teih palob dena ikay, maiteh beliyã, dena ikay e. etiga dena ikay; omoh magãxirud, omoh abeud agaxirud, wi, wi, wiiih. Teh, ate oyah yebo okah wewa in obay, ya ikayã polode, oyah yebeya eka wewa yã, eyawe makah anebar lamaih dena ikay, iyeh, anoh nãd yakade asabaten etiga Palob dena ikay, pawapaguey yaih eya, tayab magã elabatar areh, tamari ena eka areh iwabotxor agã ikay, Palob dena. Kanaîh, eyab niga maya, kana begã pawaguey kãrah makah, Palob ekatarã. Eyaweka Palob dena, ate palay iweiga te tapih iweka ikaytxar. Ete tamari dena, kana ih? Aka wesaga ikay ena e. eyaweka Palob dena, tamari ena eyaka areh telinha egã poh iweka ikay. Ete tamari dena pawaguey aih eya, tayab magã elabatar areh teya ogã poh, iweka ikay. Ebo dena amã tamari tê ena e.

Ena wasa, wakî, walaah, daragag, meko, baga ter sobaguey dena amã sobag xã ena mereor pah ena e.

2.1 História da castanheira: o dia que Deus (*Palob*) convidou todos os animais para comerem a castanha

“[...] antigamente a Castanheira era uma árvore baixa, e como ela era baixa as crianças acertavam suas frutas com as flechas todos os dias. Vendo isso o *Palob* (Deus) não gostou, então pediu ao seu companheiro *Palob leregub* tirar todas as frutas da Castanheira, para ele convidar todas as pessoas para comer a Castanha. Com o pedido do *Palob* o seu companheiro começou a tirar o ouriço da castanha, e nem precisou subir no pé da castanheira, porque estava muito baixo.

Então *Palob* pediu para *Palob leregub* subir no pé da castanheira e não olhar para baixo, então ele subiu. Quando ele estava em cima, o *Palob* fez com que a castanheira ficasse alta como nos dias de hoje, vendo que a castanheira ficou muito alta o *Palob* falou para *Palob leregub* que ele já poderia olhar para baixo. Quando olhou para baixo *Palob*



leregub entrou em desespero porque a castanheira ficou muito alta, então falou para *Palob*:

- Por que você fez isso comigo? Assim você está dando mau exemplo para nossos filhos, disse ele. Então *Palob* (Deus) respondeu:



- É eu fiz isso!

Aí o *Palob* perguntou para *Palob leregub*:

- O que você está vendo de cima? Respondeu ele:

- Estou vendo que nesse lado a pessoa está fazendo rede, no outro lado a pessoa está fazendo

arco, e outro lado a pessoa está fazendo colar. Assim respondeu ele às perguntas de *Palob*, explicando o que estava acontecendo em sua volta lá de cima. O *Palob leregub* não quis falar de um lado, porque é para nesse lado que ele pensou em fugir do *Palob*.

Depois que *Palob leregub* falou o que estava acontecendo em sua volta, o *Palob* (Deus) pediu para ele descer e antes pediu para colocar as folhas da castanheira em todo seu corpo para pular lá de cima. Então o *Palob leregub* pulou lá de cima e ao cair desmaiou. *Palob* (Deus) veio correndo:

- O que fiz com meu companheiro? Então, pegou ouriço da castanha e quebrou nas costas dele para ele acordar. Ao acordar do desmaio *Palob leregub* falou para *Palob*:

- Você está dando mau exemplo para nossos filhos! Então *Palob* sempre respondia: É, depois nós vamos tirar esse exemplo deles. Aí *Palob leregub* falou que estava com sede e *Palob* (Deus) disse:

- Aí na frente tem um Corguinho, você pode ir lá beber água e matar sua sede. *Palob leregub* foi e, ao chegar, viu que não era Corguinho, rio pequeno, mas era um grande rio. Quando ele abaixou para beber água, uma traíra grande veio e engoliu ele. Vendo que o *Palob leregub* estava demorando, o *Palob* (Deus) veio atrás procurar onde



ele estava e só viu as pegadas dele na lama na beira do rio. *Palob* ficou chamando (*gōrah, gōrah*) que era *Palob leregub*, mas ele não respondia, até que ouviu um ruído no fundo do mar (*gûgû, gûgû*), era o *Palob leregub*, então *Palob* (Deus) bateu com uma vara em cima do rio e o rio secou. *Palob* viu o traíra grande, virou a barriga dela para tirar as tripas, tirando também seu companheiro *Palob leregub* de dentro dela, então ele falou para *Palob*:

- Você está ensinando nossos filhos dando mau exemplo! E *Palob* respondia:

- Depois nós daremos um jeito de tirar esse ensinamento deles! E foram embora.

Todos os convidados já estavam comendo castanha onde o *Palob* convidou. Eram todos os animais que existiam na floresta. Antes do nosso contato nos tínhamos costume de comer castanha verde, também comer castanha verde assado. A história conta que antigamente todos os animais eram seres humano (pessoas) e o Mutum eram um deles.

Quando estava comendo a castanha o Mutum falou assim:

- Como eu queria ter uma castanha verde como bico, acho muito bonito a cor vermelha da castanha verde!

E o Jacamim também falou a mesma coisa que o Mutum:

- Como eu queria ter uma castanha assada como bico, aí meu bico ficaria muito bonito (bico preto).

Ouvindo as falas deles o *Palob* (Deus) falou para eles:

- Vocês podem fazer isso, usar como bico de vocês, mas antes vocês precisam cantar uma música para realizar esse desejo. Então Jacamim disse:

- É, vou cantar sim e cantou sua música. *Xiberad asar Omã, Xiberad asar Omã, wakixã xigih, wakixã xigih.*

Ao cantar essa música o Jacamim perguntou a *Palob* se havia cantado bem para poder ir embora. Nessa primeira música *Palob* (Deus) reprovou e pediu que ele cantasse outra música, então o Jacamin cantou:

- *Omoh magãxirud, omoh abeud agaxirud, wi, wi wiih.*

Então *Palob* (Deus) falou que ele poderia ir embora, ao entrar na floresta *Palob* disse para o Jacamim:

- Vai lá enfraquecer os nossos filhos, além de levar as flechas deles como Jacamim. Então o Jacamim perguntou:

- O que você falou para mim? *Palob* disse:



- Falei para você enfraquecer os nossos filhos, além de levar as flechas deles.

Palob leregud falou para *Palob* em voz baixa:

- Por que está fazendo coisas ruins para eles? Você não pode fazer isso!



Palob então falou para *Palob Leregud*:

- Depois vamos tirar isso deles! E o Jacamim foi entrando no mato, virando bicho, virou uma ave.

Então, veio a vez do Mutum para cantar a música:

- *Mawakoy xarme, mawakoy xarme, xarme, xarmeh, mawakoy xarme, mawakoy xarme, xarme, xarmeh.*

Após cantar a música, o Mutum perguntou para *Palob*:

- Eu cantei bem? Então *Palob* disse sim para ele, cantou muito bem. Então o Mutum falou para *Palob*:

- Vou indo então! Ao ver ele entrar no mato, *Palob* falou para o Mutum:

- Vai lá como Mutum e a sua pena vai servir para as penas das flechas, também você vai levar e quebrar as flechas dos nossos filhos. Mutum perguntou para *Palob*:

- O que você falou para mim? *Palob* respondeu:



- Falei para você que a sua pena vai servir para pena dos nossos filhos, além de você levar e quebrar as flechas deles. *Palob leregud* falando em voz baixa para *Palob*:

- Você não pode fazer isso com os nossos filhos! *Palob* respondeu:

- Depois vamos tirar isso deles e, o Mutum foi entrando na floresta, virando bicho. Assim, todos os animais viraram bichos, anta, esquilo (*baikid*), cutia, onça, paca e outros”.



Conforme cada um foi se transformando em bichos, *Palob* também fez as regras para cada ser, ou seja, as regras de como cada um vai ser consumido ou utilizado para fazer as materialidades. De acordo com as regras feitas por *Palob* para cada ser vivo, é seguido até hoje pelos *Paiterey*. Como por exemplo, no momento de resguardo tem certos animais que não são consumidos pelos pais da criança, nem pode ser caçada também, porque isso pode prejudicar a saúde da criança e a saúde dos pais também.

Como escreveu Gisele Montanha (2014), pesquisadora do povo Puruborá, “[...] o mito narra uma história verdadeira com caráter sagrado e significativo, são transmitidos de uma geração a outra, gravados na memória dos que contam e dos que ouvem, não possuem datas precisas e únicas” (MONTANHA, 2014, p. 27). Dessa forma, as regras que temos, de acordo com conhecimentos tradicionais do nosso povo, vem sendo respeitado até nos dias atuais.

Concordo com as reflexões do antropólogo Júlio Cesar Melatti quando escreveu que:

Toda sociedade indígena tem uma ideia própria a respeito do Universo. Seus membros sabem dizer qual a forma do Mundo, quem o criou, se foi criado, como os homens aprenderam a cultivar a terra e fabricar instrumentos, qual a posição de sua sociedade diante das demais, quem



institui suas regras sociais. Muitos desses acontecimentos estão em seus mitos (MELATTI, 2007, p. 185).

Com os Paiter não é diferente, nossas histórias explicam nosso mundo e a forma que devemos viver nele. Cabe reforçar que nesta pesquisa estamos fortalecendo, conceitualmente, a relevância das narrativas indígenas serem abordadas e debatidas enquanto Histórias Indígenas, justamente, porque seus narradores em nada duvidam dos seus acontecimentos.

2.2 Magâb pãye

Mater toyêd paiter peredena one magâb enîd eikîd toyje ealapah tar e. one inîd eiga ikay toysadeka toybikoy ewe kabi. Kana tene paiter peremã ikay yawata yelena tar, inîd ikîd ajeka one gã magã ewewah in. Magâb dena xiway epîd ena toyêd Paiter kabi e. ihb agûd magâb dena toykabi e.

2.2 Domesticação da castanheira

No tempo da maloca nós Paiter não tínhamos o costume de domesticar o plantio da castanheira. Quando víamos muda de castanheira não podíamos arrancar e levar para a aldeia para plantar, ou seja, com uma forma de cuidar do plantio da castanheira. Também não podíamos fazer derrubada de roça perto, porque a castanheira é uma árvore sagrada para nós Paiter.

2.3 Magâb pikawe

Ana Paiter peredena mater ena magâb ewa tar, xibi epi polosadena magâb ead magã, ebo eah potogã mûy ya in xibi epi kod iruy, âtiga waba pikawah yelena ani e. enater yagây pika laba aar onar areh yelena ani e.

2.3 Coleta da castanha na época da maloca

A forma de coleta da castanha no tempo da maloca era dessa forma, primeiro a pessoa vai catar ouriço da castanheira embaixo do seu pé, após isso, junta em um lugar apropriado pouco distante da sua copa para quebrar o ouriço da castanha, essa é a forma de quebrar a castanha com segurança. Para quebrar o ouriço, na época da maloca, os antigos usavam machado de pedra.



2.4 Magâb parkawe lab eka

Ana Paiter peredena magâb eparka tar e. Magâb epika aje eitxa poloperedena aor, metõ magã aje biwah esíd emi eka lab ekabi aor ena e. ebo polosadena adoh eka xamadogã parka wekabi ani, eyab esar agã lab eipokub eka mokây adar, mokây adog eyaba ipõnigah yelena ani e. ebo polosadena gão ariga xanota iwa ani e.

2.4 Armazenamento da castanha na maloca

Quando quebrávamos a castanha, trazíamos para a maloca no balaio que é feito de palha de açai (*metõ*). Colocamos a castanha no balaio de babaçu (*adoh*) para armazenar na maloca. Após colocar a castanha no balaio, amarrávamos em cima da fogueira, para que o calor juntamente com a fumaça da fogueira pudesse secar e assim conservar mais a castanha para ser consumida até chegar a outra época da coleta da castanha.

Imagem - Metõ



Fonte: Autor



Imagem 07 – Castanha armazenada em cesto na maloca



Fonte: Autor

2.5 Pamalod magâb mater pamakobawe

Magâb sadena xateõmi ter Paiter emalob ena awemagã ani e. toysar perewe ter mãbguir ewa toysade ani ewe dena e, magâb tagah soah itxa, mãhb lõb, taroy, magâb eyowah megã itxa, Orixiah Sirayah, Yuid sirayah, yeey sadena Paiter emalob ena magâb emî awemagã ani e.

Eyawemi te toysadena maiteh noh magã magâb sikod alakarah ani e, ebo toysadena toyaxodey emaoh imi ani e. ãh, agoyab, larpiab.



Ete toyperedena magâb eparka mokây adar tar e. yaba apõne mokây adog eka yelena, asõd yagãre yelena ani e. ebo gão etotah polo peredena ena ixatah iwa tar e.

Magâb esipeab emî toysadena itxirah, itxir gûd wey etir ani e. yaba itxir ximagãtiub niga parakây tiga yelena. ã mawena polosadena gãrah koy ajeka ewewami aje Yuid iga etiga alade ximãd eõmi eka, magâb sepeab eka magã xitxa waka oybikoya yelena ani e.

Ete toyêd Paiter sadena magâb eah pagã toysade mãhb ibipih etiga atemã yeleitxa ena mãhb iway eka ani e. eyawe sadena atemare Gõrah, atemare Gõrah ena toypoub emi ani e. enater magâb eah magã aar onar areh yelena polosadena ena aypoub emi ani e.

2.5 Alimentação e castanha: aprendizados ancestrais

Para os Paiter a castanha é muito utilizada para alimentação. Existem várias formas de produzir o alimento tradicional do povo Paiter Suruí a partir da castanha. Renato Labiway, pesquisador Paiter, realizou seu trabalho de conclusão do curso em Licenciatura Intercultural (DEINTER-UNIR) sobre os alimentos tradicionais do nosso povo, conforme escreveu “[...] o povo Paiter tem sua alimentação diversificada, no entanto, tem o cuidado de qual alimento se pode comer, como e quando ele pode se alimentar de certos alimentos, entre outros fatores [...]” (LABIWAY SURUÍ, 2015, p. 8). A relação do nosso povo com a castanheira deixa evidente os cuidados em como e quando consumir, bem como os processos de armazenamento, como veremos abaixo.

Nós Paiter tínhamos/temos o nosso jeito de produzir alimento de acordo com os nossos conhecimentos. A partir da castanha, nós tínhamos costume de comer a castanha verde (*mãbguir*), torta de castanha com cará (*magâb tagah soah itxa*), castanha torrada feita na palha de babaçu (*Mãhb lõb*), farofa da castanha com milho torrado (*magâb eyowah megãy itxa*), bolacha da castanha que é feita com carne de porcão (*morsay*), caju nativo com castanha ralada (*orixiah sirayah*), castanha ralado com mel (*yuid sirayah*). São esses alimentos que nós Paiter produzimos a partir da castanha junto com a mistura de outros frutos e/ou caças.

A partir das demonstrações feitas pela anciã Elza Gõpojog Suruí durante a pesquisa, apresentaremos abaixo uma lista de alimentação feita com castanha, bem como vamos apresentar os passos da feitura do alimento.



2.5.1 Taroy

Ana polosadena taroy emagâ ani e.

- 1) Magâb epika, enate toroyah eyomah eiga;
 - 2) Ebo polosadena tataga ikabi eka ani e;
 - 3) Ebo polosade ena ajepi itxir itxira pekab etar mokây adog eka ximamoraub tiga ani e.
- Ete Paiter sadena ih alakarah iwa ani e. soah eid, mōy, watxigã eyami meg.

2.5.1 Taroy

A forma de fazer a Taroy (biju de castanha com a polpa de babaçu) é:

- 1) Descascar a castanha, tirar a polpa do coco babaçu;
- 2) Pilar a castanha juntamente com a polpa do babaçu no pilão;
- 3) Colocar em uma espécie de prato de barro específico para assar, até ela ficar pronta (crocante). A pessoa pode comer com chicha de cará, mandioca, batata doce e milho.

Imagem 08 – Taroy



Fonte: Autor



2.5.2 Magâb tagah

Ana polosadena magâb tagah magã ani e.

- 1) Magâb epika;
- 2) Eyami xomab etir inhud alakarah;
- 3) Ebo polosadena sobag eyami magâb somab etir ajepi itxaga ikabi eka ani e;

Magâb tagah magã polosadena soah, watxigã, biwah anara emi ani e. enate inhudey ariga, wakoyah, tamuab, abiowah, tamari, wayã emi ani e.

2.5.2 Magâb tagah

Modo de preparo da Magâb tagah:

- 1) Descascar castanha;
- 2) Colocar a castanha juntamente com o pássaro para cozinhar;
- 3) Após cozidos podemos tirar os ossos do pássaro e colocá-los no pilão e pilar. Quando a carne e a castanha ficarem uma massa só, está pronto.

Magâb tagah pode ser produzido por diversos alimentos, como: cará, palmito e batata, também com várias espécies de pássaros do mato, como: mutum, macuco, jacu, jacamim, nambu e azulão.

Imagem 09 - Magâb tagah



Fonte: Autor



2.5.3 Magâb péyje

Magâb péyje ewa polosadena meg akãý alakarah ani e. enate mawena watxigã somab, soah akãý alakarah ani e.

2.5.3 Magâb péyje

Magâb péyje significa castanha torrada. Modo de preparo é torrar a castanha para comer com milho torrado, também podemos comer com a batata doce ou cará assado.

Imagem 10 - Magâb péyje



Fonte: Autor

2.5.4 Orixiah sirayah

- 1) Orixiah sirayah magã aladeka polosadena maguerter magâb pika ani e.;
- 2) Ebo polosadena magâb siga ixaah pekab eka, ete Orixiah eyomah eiga, waba magâb esigaje alakarah magã iwa wekabi wa wena ani e.



2.5.4 Orixiah sirayah

- 1) Primeiro descascar a castanha;
- 2) Ralar a castanha utilizando um pedaço de pedra (ralador);
- 3) Tirar a polpa do caju do mato para colocar junto com a castanha ralado. Está pronto para ser consumida.

Imagem 11 - Orixiah sirayah



Fonte: Autor



2.5.5 Morsay

Morsay dena magâb alakarah polosade sobag say etir pasab ã mawena yuikab sîd eka ani e.

- 1) Maguerter polosadena mebê somab tir ani e.
- 2) Epi polosadena magâb pika aje etaga ikabi eka.
- 3) Epi mebê eyomah etaga ikabi eka.
- 4) Ebo polosadena magâb eyaweitxa mebê eyomah somab etir mapõd ter ani e.
- 5) Ebo polosadena ixêh de akagã epih ena pasab eka magã itxir ekabi ani e.

2.5.5 Morsay

Morsay é uma comida tradicional que é feita a partir castanha com carne de porcão do mato moqueado na palha de babaçu ou de patuá.

- 1) Primeiro passo é cozinhar a carne do porcão;
- 2) Descascar a castanha e pilar no pilão;
- 3) Pilar carne do porcão no pilão para moer;
- 4) Depois cozinhar a castanha ralada junto com a carne moída do porcão; após o caldo secar é preciso colocar numa folha de babaçu para assar.

Imagem 12 – Morsay



Fonte: Autor



2.5.6 Yuid sirayah

Yuid sirayah dena magâb esig je sade Yuid alakarah e ena e.

- 1) Maguerter polosadena magâb pika ani e.
- 2) Epi polosadena magâb esiga ena ixaah pekab eka, ebo ixay emagã Yuid eka itxirgud pabeka iwa wekabi ani e.

2.5.6 Yuid ey sirayah

Yuid ey Sirayah é a castanha ralada com mel.

- 1) Primeiro descascamos castanha;
- 2) Ralamos a castanha utilizando um pedaço de pedra como ralador;
- 3) Depois misturar com o mel que está na vasilha e então está pronto para comer.

Em nossa cultura as crianças do nosso povo não podem comer castanha inteira com mel, porque isso pode enfraquecer a sua saúde.

Imagem 13 - Yuid ey Sirayah



Fonte: Autor



2.6 Magâb esipeab epãye - utilização do ouriço da castanha

2.6.1 Itxira

Itxira dena xiyagãragoah iter ena Paiter maled emaxod ena e. kaleka, itxirah emi waled sadena amalod etir, mawena yakadena amalota enate amalob emãd ena xitxa ani e. waled sadena itxirah magã ena amasoepãy wekabi ter ani e. Ana wesadena itxirah magã ani. Maguerter aka gãnhãd eiga ih anar aub koy ani, ebo ena ajepi ter polosadena xagah ãh ter amawir epotota one soepãy ener ani e. yabay amagã wesaba anotewa yelena ani e. ena õb wedeka yakadena one anote ener ani e. epi polosadena itxaga ena ixaah etãg magã ipi ani e. ebo ipowab emagã xagab emi, ete apõne deka mamagã epowab ena ogur ani e. Ena ajepi polosadena iwemagota pipiwab emi pib piwa ikay kamegã ani, epi ixaah emi enate kamêd niga mûy soenawe deka epi ani e. ebo ena ajepi polosadena atora iruy txer xanod apah ena akirane yaba yelena ani e. ete akirane deka ebo xamibêb mokãy ekonig emi, ena ajepi polosadena pãrab emi ikãrab emagã itxir ani e. ebo polosadena ena ajepi magâb esipeab emi itxir yarakay esipeab alakarah ani e. ena polosadena itxira magã ani e.

Imagem 14 – Cerâmica Paiter durante processo de defumação com ouriço de castanha



Fonte: Autor



2.6.1 Cerâmica

A cerâmica é um artesanato que tem muita importância para as mulheres Paiter. Com ela as mulheres cozinham, servem e guardam comida. A cerâmica é feita exclusivamente pelas mulheres.

A cerâmica é feita a partir de um delicado processo de confecção que envolve muitos detalhes em cada etapa. Abaixo, descrevo, sucintamente esse processo que acompanhei juntamente com Elza Gõpojog Suruí, minha mãe, participante da pesquisa e uma excelente ceramista há muitos anos.

Para fazer a cerâmica, primeiro a mulher vai tirar o barro no córrego, quando chega na maloca as mulheres precisam sentar-se perto da massa de barro, elas não podem movimentar o corpo perto da massa, a pessoa precisa ficar sentada parada ao lado, sem fazer nada, por volta de cinco minutos. Depois a mulher vai *bater* a massa, tirando as pedrinhas que estão nela. Tirando todas as pedrinhas, a mulher vai começar a levantar a massa, dando início a construção da panela de barro até o meio, depois a mulher vai esperar um pouco até ela secar, para continuar mais tarde. Quando está levantando as bordas, a ceramista vai alisando a panela com a casca de uma semente de uma árvore (*pipiwab*), durante uma semana a pessoa vai alisando com uma pedrinha para ela ficar bem arrumado.

Após isso a ceramista deixa ficar bem seca a peça, durante uns quinze dias no máximo, aí vai pegar a lenha para fazer fumaça nela, dando início ao processo de ariar. No outro dia a pessoa pega a casca da palmeira Sete Pernas seca e põe em sua volta para fazer fumaça. Esse processo já deixa ficar bem resistente a panela.



Imagem 15 – Brilho interno da panela de barro após defumação com ouriço de castanha



Fonte: Autor

Para finalizar a etapa da confecção da panela as mulheres Paiter usam a fumaça do ouriço da castanha junto com a casca de jequitibá do brejo. Essa etapa é muito importante, pois dará resistência e brilho para a panela.

2.6.2 Yuid emagã magâb esipeab ekawe

Toyêd Paiter sadena maiteh magâb esipeab eka Yuid emagã gãrah ekoy toyje lobeab eõmi Yuid eiga etiga ani e. xitxa wekabi toyxab ekoy.

- 1) Maguerter toysadena Yuid eiga toyje emagã pasawah eka ibid ekoy xitxa wekabi ani e.
- 2) Epi wakî de magâb ewa mae esipeab emã aka mãhb eibi epi.
- 3) Epi akah xitxa ihkoy piah wekabi, ebo polosadena piah ajepi Yuid emagã burah ikay ani e.



4) Ebo polosadena ena ajepi yuid etigah emi ena xikoã epoga ani e. ebo biwah esîd anarah ekây eka xamadogã aje esiriga xitxa wekabi ani e.

2.6.2 Ouriço da castanha para armazenar mel

Nós Paiter Suruí também utilizávamos ouriço da castanha para guardar mel, quando tirávamos mel sem panela de barro para levar para casa.

- 1) Primeiro tiramos mel da árvore e colocamos na folha de bananeira do mato para levar até o rio.
- 2) Pegamos ouriço da castanha embaixo do pé da castanheira, ou seja, ouriço da castanha que cutia furou.
- 3) Levamos até no rio para lavar. Após lavar colocamos mel dentro do ouriço até encher.
- 4) Quando enchemos tampamos o buraco do ouriço com a própria cera do mel e colocamos na copa da folha do palmito e amarramos com cipó para carregar até em casa.

Imagem 16 – Ouriço sendo utilizado para guardar o mel nativo coletado na floresta



Fonte: Autor



2.7 Amaxodey emagã magâb emi - os usos das amêndoas da castanha para construção de materialidades

2.7.1 Borkah

Borkah dena ihb tîg ena e. Ebo polosadena magâb akây alakarah magã ani e. Borkah dena gõtapho eka polosade xatâg xaba yelena imã ani e. Ana polosadena borkah magã ani e.

- 1) Borkah etaga polosadena ixaah etar ani e.
- 2) Magâb akây txir
- 3) Magâb akây esiga ixaah eka, ebo epi borkah etaga eh aje magâb esiga etar, yaba awepigã ikaya yelena. Ena yakadena awemagã asakajug tê ani e.

2.7.1 Borkah

Borkah é a resina de uma árvore que nosso povo mistura com a amêndoa da castanha assada. Ela é utilizada para passar no cordão de algodão, deixando-a bem resistente.

Como fazer borkah:

- 1) Amassar resina com uma pedra, apoiando com a outra pedra.
- 2) Torrar a castanha no fogo;
- 3) Amassar a castanha torrada na pedra (ralador), depois passar a resina em cima da castanha torrada que foi amassada. Conforme o óleo da amêndoa da castanha assado se misturar com a resina o borkah ficará pronto. Depois coloca na folha de babaçu como na imagem.

Imagem 17 – Borkah



Fonte: Autor



2.7.2 Noh

Noh dena noah, magâb emi yakade awemagã ani e. Noh emi polosadena emaxod etigã ani e. ãh, agoyab, adoh, iyamah etigã polosadena imi ani e. Ana polosadena noh magã ani e.

- 1) Itxirah eka polosadena noah ekab iga aje magã ani e.
- 2) Magâb epika.
- 3) Epi polosadena magâb etxoy akomi, ebo ixí itxer akih ako pabi noah ekab eka ani e. epi pitxakõy ipãy iyod tiga ani. Magâb sikod sadena noh emaoah ani e. ena polosadena imã wekabi magã ani e.

2.7.2 Noh

Noh é tinta de urucum, ela é feita com a castanha. *Noh* é utilizado para pintar artesanato, como: rede tradicional, cordão, balaio, cadeira e outros. Forma de fazer *noh*:

- 1) tirar semente de urucum e colocar numa panela;
- 2) descascar castanha;
- 3) mastigar amêndoa de castanha e filtrar com os próprios dentes, deixando a saliva sair para ela misturar com a semente de urucum. Depois a pessoa fica mexendo para ela se misturar, assim que ficar pronto já pode ser utilizada. Nós também utilizávamos/utilizamos o óleo da castanha para fortalecer a tinta do urucum para que a tinta fique por muito tempo. Essa tinta era utilizada para pintar diversos artesanatos como cordão (*agoyab*), rede tradicional (*ãh*), cinto tradicional (*larpiab*), tipoia (*agoyab*) e outros.



Imagem 18 - Noh



Fonte: Autor

2.8 Sodiguêy itxa okobah sodigã ekoy

Sodiguêy itxa ojeka ena okobah oje magâb eka ewemi okah sodigã esade oyama in ani ekoy ena e. ete ojeka osob gãmasakaka itxa okah ekoy, ena mãhb eya apîd mayã yaka sodiguêy eyakoba wa yelena e. ete toyjena mûy ema ogur eka ena iwemagã e.



Maguerter ojena soeitere pamã lab eitxa palade ani ewesa pagãbi aniyã takay e. ewenekoy txer te palina pagõbah palar emã soeitxayeb epi anipoh takay e. one mainer esar tesina ena xiweixayeb esame esina ani in ener pagãy anipoh takay, panheneh esadena enabo omine esameyapoh pawekay iweixta ani e, ojena owewã takay e.

Ebo olod dena eweixta mãhb emã takay e. enate Palob, Palob leregud eina mãhb emakayã, sobaguey aki mapoh yelemã ena takay e. wah ajepi dena ehwate palina pamalob ena magãb emi pajé magã ena ani poh takay e.

Ena de meremã takay epi ojena ate meysina ye mãhb emãwe itxa ani in takay e. ete tajena bagater one ogãy e. wah toyje meremã takay epi ojena ana toya iwesameikíd in iweixo emagã mã ena takay e. ena toyjena sodiguêy itxa toykoba mãhb emã wesameka ena e.

2.8 Oficina com os estudantes da escola

Em abril de 2023 realizei oficina temática com os alunos da escola indígena da comunidade, Escola Estadual Tancredo Neves. O tema da oficina foi a Castanheira e todos os conhecimentos que envolvem a relação do nosso povo com a planta. Inicialmente realizamos uma conversa com o professor regente, José Xibosar Suruí, que foi parceiro da oficina. A oficina ocorreu durante o horário de aula do vespertino.

Inicialmente fiz uma fala apresentando a minha pesquisa de PIBIC/TCC, bem como minha orientadora professora Roseline Mezacasa e a professora Juliana Machado (UFSC) que também estavam presentes no dia da oficina na comunidade. Depois comentei sobre a importância e a preservação da nossa cultura, destacando que é importante que os jovens busquem mais o conhecimento do nosso povo. Os conhecimentos tradicionais que temos é a nossa marca, nossa identidade Paiter, só nós sabemos, é a história da nossa origem.

Após essa fala inicial, meu pai, Gãmasakaka, contou a história da castanheira de como o *Palob* e *Palob leregud* fizeram que a castanheira ficasse bem alta e como os humanos viraram bichos. Também ele contou quais alimentos tradicionais que são feitos a partir da castanha. Após a contação de histórias foi aberta uma roda de conversas. Em um momento perguntei para os alunos: Vocês já tinham ouvido a história da castanheira? A resposta da maioria dos estudantes foi que não conheciam, mas que estavam contentes



com a oficina porque agora eles sabiam que a planta castanheira tem uma história para o povo Paiter, sendo ela muito importante.

Imagem 19 – Sabedor Gãmasakaka durante contação de histórias na Escola



Fonte: Autor

É importante destacar que o contato do povo Paiter trouxe muitos desafios aos povos, principalmente frente as novas gerações que estão tendo uma influência cultural significativa da sociedade não indígena. Entretanto, muitos são os povos e, a oficina que realizamos está dentro dessa proposta, que buscam fortalecer suas tradições em diálogo com a sociedade não indígena. Assim, a oficina temática teve um resultado significativo pois os jovens participantes conheceram novas histórias Paiter, além de terem fortalecido o ancião que esteve na escola para realizar a contação.



Imagem 20 – Participantes da Oficina com suas ilustrações sobre a História da Castanheira



Fonte: Autor

Dessa maneira, minha pesquisa além de contribuir com os dados registrados, incentivou e reforçou a construção de caminhos metodológicos para o fortalecimento da Educação Escolar Indígena, entre eles a presença dos anciões e anciãs no interior do ambiente escolar, compartilhando seus conhecimentos com os mais jovens. Após a roda de conversa os estudantes fizeram ilustrações a partir das narrativas.



CAPÍTULO III
MÃHB ĞAD ALAWATAWE ENATE MAĞAB SADE IWEPIPID PAITEREY
KABI E
MANEJO DOS CASTANHAIS E A GERAÇÃO DE RENDA PARA
COMUNIDADE A PARTIR DA CASTANHA

3.1 Ākalami magâb pãye sade ani e

yara wêtiga Paiter depi mãhb esame dena awemaweterîn ena e. awemaweterîn dena katxer same ekater ena, apãye sameka, enate asameh eka ena e.

anoh oje iwemã bote ena, mãhb dena xamepid ena ihb magûy ena Paiter kabi tar e. ewenekoy poloperedena one ana ân te katah tar e, akawar õb ikay. Ete yara eka paje palaîn etemi pajena pagõbah ena tapih e, Payama ekoy yara dena amapalob eitxa wesame emagã ena pagãy e, ete paite esame eka iwenane maki, one itena iwemagûyewa pagãy e. yara epi pajena pagõbah ihb esame õb ena mãhb itxa e. ewemi mãhb ekatawe sadena ākalami ena lab emããh wekabi, sogarab, enate meyah ekabi ani e. ewenekoy Paiter yamah eka xameomi lab emãwe sadena mãhb emî ani e.

3.1 A castanha nos dias atuais

Como citei no capítulo anterior a castanheira era vista como uma árvore sagrada para os Paiter, ou seja, árvore que mantém o espírito do Gõrah (Palob). Por esses motivos, ela não podia ser cortada de qualquer maneira, ela tinha esse respeito pelos Paiter. Após o contato com não indígenas isso mudou entre os Paiterey, com certeza essas mudanças ocorreram com a influência dos não indígenas, por meio da entrada das religiões dentro das comunidades. Quando o cristianismo chegou dentro da comunidade Paiter em geral, dizem que os espíritos que nós acreditávamos antes do contato, não são coisas boas, ou seja, fazem parte dos espíritos ruins. A mudança ocorreu em vários aspectos, entre eles nos rituais e na utilização da árvore castanheira e do fruto da castanha.

Neste capítulo, a partir de um levantamento de dados, o foco será organizar informações sobre as “novas” práticas dos Paiter com a castanha/castanheira, como escrevi anteriormente, muitas dessas práticas atreladas as relações posteriores ao contato. Esta pesquisa foi realizada na Terra Indígena Sete de Setembro, aldeia Lapetanha, no município de Cacoal- RO.



Com a influência dos não indígenas a castanheira passou a ser uma árvore comum para os Paiterey, ou seja, antes do contato não era qualquer pessoa que podia cortar a castanheira a não ser pessoa importante ou liderança, já nos dias atuais a castanheira passou a ser uma das árvores mais utilizadas para fazer as construções das casas, curral e barracões. Por isso é comum vermos dentro das aldeias a maioria das casas construídas com a madeira de castanheira.

Muitas vezes a pessoa que derruba a castanheira não pede a permissão ao seu dono, muitos são não indígenas que derrubam a pedido dos próprios indígenas. Apesar dessa grande mudança a castanheira continua a ter respeito de espiritualidade pelos mais velhos, ou seja, os mais velhos continuam a praticar os rituais até nos dias de hoje durante a coleta da castanha. Já os mais jovens nos dias de hoje não praticam mais os rituais, ou seja, é muito comum ver durante a coleta da castanha, muitos dos jovens não praticam os rituais de pedir permissão ao dono da castanheira, para eles o ritual não tem muita importância de praticar ou muitas vezes por não ter conhecimento de aprendizagem por seus pais.

3.2 Magâb epîd pâyê

Ãkalami magâb epâyê sadena toykara ekabi iwepipid ena e. magâb eyõwe sadena soenama ey emi awepây ena toykara eka e. ete mater paiterey peredena ateter soenama ey sade apîd ewamaka yara alawar eyka magâb eyõ tar e, waotih eõmi aladeka. ete yaraey peredena ãkoy alade aor mã eka, iwepi õb iter emi mã tar.

Soenama eyje apîd ewemi iwedena anhûd ena awepaorete ena, magâb emaãb esade gõruwa iwepika paiterey eyka, ekare sade soenama emi eka e. ete iwepipid ena magâb emaã weyabah yelena toyjena iwesame magã iwetîg ena e. FSC Brasil eyka toyjena magâb epây etîg emagã toykabi mã soenama emi e. Gãrah atîd esamena soepâyê sade toykabi, toya soesamena iwepipid ena yaba yelena toyjena iwetîg emagã e

Ete iwetîg emagã toysadeka toyjena xameõmi ter iwesame magã, toykoba awepây esame eka ena e. Maguerter toyjena iwewah esame ikîd e, nãney emagã sobaguey ena etiga aweitxa ani e, kah aka polomagã amalob ena ani, ã mawena kah magã sobag ena aikineõh gãrah ena e. mawena toyjena mãhb-ey kamã tapapi ariga ena e. toykoba toyjena ãey itxa boh polosa magâb ewa aniphoh emaxod eyka e, toyalawata yelesame ena, nar-



sewab, mipeh-sewab, mabeh-sewab, lereg anepopid ena e. Enate toykoba magâb epây sameka ena e, pikab wetemi toykoba, maã wekoytxer toyka ena e.

Toykoba toysaba toyjena ana palay iwewah alawata ayã ena iwesame magã ena toyekabi e.

- . amalob aka tene polosa aniyã
- . one ixola emãytxe watiga.
- . asewab mili magâb emaã, owaka ogãreh yelena.
- . one iwah eiga magâb-la eka, one iwah eserah.
- . one gã magã iwewah ãn.
- . gûyah magâb epây.

Yena awepây same dena iwetîg eka awemagã e, gãrah atîd esamena, paiterey emasoe same eka alade akawar õb ena, iwepipid esamena awemagã ena e.

Cooperativa Gãrah itxa sadena pagãlab sade xakalar itxer, Sete de Setembro ekoy ena amã cooperado eitxa ani e, pagãlab Lapetanha, Apoena Meirelles, Tikã eyami Joaquim, yeey koy Mãhgãlah sadena atîg itxa ani e.

Lapetanha ekarah in xakalar amakab õd Mãhgãlah esadena atîg itxa ani e, maguerter sadena 32,3 hectares, eyab nare sadena 10,4 hectares ebo masade 89,7 hectares e. yewekarah eka magâb kare saga ena Mopiri sadena, Napo Suruí eyami Agamenon Gamasakaka suruí (olod) taêd sadena aihte kãrah mapari awekay ani e, epi tasadena awapaguey, amamari ey eka txuna aîd epi ani e.

Yena iwesame dena awetîg emagã ena awepây ekabi e, gûya toyaba iwepây yelena, iwepipid toya soenawe yaba toykabiwah yelena enate toyeitxa yeleitxa soetere ena gãrah atîd esame.



Imagem 21 – Castanheira no interior da Terra Indígena Sete de Setembro



Fonte: Autor

3.2 Beneficiamento da castanha

Nos dias atuais a castanha passou a ser um dos principais produtos que geram renda para as famílias indígenas dentro das comunidades Paiter. Conforme escreveu Palahv:

A castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) é um dos produtos com grande potencial de exploração socioeconômica com mínimo impacto ambiental. Dada a sua distribuição em quase toda a Amazônia Continental, praticamente toda a população da floresta explora a castanha para consumo próprio e também como atividade comercial (PALAVH GAVIÃO, 2023, p. 05).

Entre os Paiter a venda de castanha ocorre através das Associações e Cooperativas que existem dentro da Terra Indígena Sete de Setembro. Antes das cooperativas os



Paiterey já trabalhavam no extrativismo da castanha como geração de renda familiar, contudo muitos vendiam para os atravessadores. Naquela época os Paiterey não tinham transportes para comercializar a castanha até a cidade, assim os atravessadores vinham até a aldeia para comprar castanha e pagavam um preço mais barato aos produtores das comunidades. Em algumas aldeias ainda as famílias vendem a castanha para atravessadores.

Após a criação da Cooperativa Gãrah Itxa isso melhorou um pouco, porque através das cooperativas buscamos mercados fixos que compra o nosso produto de bom valor em todo ano, ou seja, durante todas as épocas da castanha, entre elas a Cooperativa dos Agricultores do Vale do Amanhecer (COOPAVAM). Em 2018 a Cooperativa Gãrah Itxa, junto com a Associação Metareila iniciou o projeto da certificação da castanha para atender as demandas das suas comunidades que refere a comercialização dos seus produtos.

A Cooperativa Gãrah Itxa buscou parceria com Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (IMAFLOA) para certificar a área de manejo dos castanhais. Para garantir esse selo de certificação FSC tivemos várias oficinas para capacitar os produtores sobre as normas que serão seguidas para trabalhar nessas áreas. Primeiro, mapeamos as áreas que íamos certificar, pesquisamos quais animais existem nessas áreas, para saber se elas podem ser caçadas durante a coleta da castanha, também para ver se elas estão em extinção, além de mapear e numerar cada pé da castanheira nessas áreas através das placas.

Durante as oficinas tivemos capacitação da utilização dos EPI (Equipamentos de proteção individuais) e primeiros socorros para que possamos ter esse conhecimento durante a coleta, caso ocorra algum acidente. O objetivo do uso dos EPIs é que a pessoa possa trabalhar com segurança, com uso dos capacetes, botas, calças, luvas e camisa manga longa. Tivemos oficina de selecionar a castanha em pós-coleta, ou seja, os processos produtivos desde a etapa de quebrar ouriço até chegar ao ponto da comercialização externa.



Imagem 22 – Sabedor na coleta da castanha em castanhal certificado



Fonte: Autor

Durante as oficinas conversamos sobre medidas que podemos seguir para cuidar das áreas mapeadas, ou seja, as regras que serão seguidas pelos trabalhadores. As regras são para preservar o ambiente dos castanhais, como toda a biodiversidade presente, como fauna e a flora. Durante as oficinas e reuniões foram consolidadas as regras que seguem:

- Caçar apenas os animais que utilizamos para nosso consumo, se ele não estiver em pouca quantidade na área;
- Preservar o ambiente sempre limpo, ou seja, não jogar lixo no chão dentro da área mapeada e na aldeia.



- Utilizar os equipamentos de proteção individual (EPI) durante a coleta da castanha, para segurança do produtor, ou seja, sempre trabalhar com segurança;
- Não fazer atividade madeireira dentro da área mapeada ou perto, a não ser para aproveitar as castanheiras secas;
- Não praticar derrubada dentro ou perto da área mapeada (roça);
- Produzir produto de boa qualidade.

Em 2018 a certificação foi concluída com objetivo de “[...] exercer a atividade de extrativismo da castanha do Brasil de forma sustentável, através da conservação e manutenção das áreas de castanhais, valorização e fortalecimento da cultura Paiteer Suruí, aliado a geração de renda para a comunidades atuantes” (PROJETO CERTIFICAÇÃO, 2022, p.12). A capacitação do curso sobre as normas da certificação ocorre a cada dois anos para os cooperados, caso algumas normas sejam alteradas e para os novos integrantes da cooperativa.

A Cooperativa Gãrah Itxa tem os seus cooperados em quatro aldeias dentro da Terra Indígena Sete de Setembro, são: aldeia Lapetanha onde realizei a minha pesquisa, Aldeia Apoena Meireles, Aldeia Tikã e Aldeia Joaquim. Nessas aldeias há áreas de castanha que foram certificadas.

Na aldeia Lapetanha há três áreas de castanhais que são certificadas: área 1 tem 32,3 hectares, área 2 tem 10,4 hectare e área 3 tem 89,7 hectares. Nessas áreas os que são responsáveis para coletar a castanha são: Mopiri Suruí, Napo Suruí e Agamenon Gamasakaka Suruí (meu pai), são eles que dividem áreas entre si, depois cada um deles faz a divisão com suas famílias, ou seja, seus filhos, genros e cunhados.

São essas regras que foram pactuadas para certificar a área, para produzir produto de boa qualidade e sustentável, valorizando o trabalho e a cultura da comunidade, gerando renda familiar sem degradar a natureza. Como escreve o antropólogo Descola em um dos seus trabalhos:

Assim, mesmo a solução que queremos para futuro - algum modo diferente de conviver entre os humanos, bem como entre humanos e não humanos - ainda não exista, resta-nos ao menos a esperança de inventar maneiras originais de habitar a terra, uma vez que outras civilizações e outras sociedades já o fizeram antes de nós. A antropologia nos oferece o testemunho de múltiplas soluções encontradas para o problema da existência em comum. Uma vez que todas essas soluções foram imaginadas por homens, não é proibido que nós também podemos



imaginar de formas novas, quem sabe melhores, de viver juntos.
(DESCOLA, 2016, p.27).

Assim, buscando um equilíbrio, tendo em vista os impactos vindos com o contato, buscamos a melhor maneira de trabalhar sustentavelmente dentro da nossa comunidade, permeados da nossa cultura e saberes ancestrais que envolvem nossa existência no interior do território, mas também dialogando com organizações e princípios externos, tais como as orientações para a certificação da castanha.

3.3 Magâb kare

Magâb kar toysadeka ewamaka toysadena toyemaki ani e, iwemaxod-ey, iwemalob ena ani e. magâb kar paiterey sadena asar-ey itxa aka mãhb-gãla ekoy ani e. magâb kare sadena awexagud aã novembro abomab etiga, fevereiro ekoy akah ani e.

Gûna mãhb gãla sadetiga toysadekena mûy karba toyka magâb kar ani e. ayawe amaka mãguir toyalob nir, magâb emãd emãã, toy txabekoy-ey itxa ani e. xipepid mãhb gãla sadeka toysadekena waotih tar, waotih karîyud tar toyka, meh agoy toyka ani e.

Magâb emãã wekabi polosadena xaad magã ena maguerter ani e, ebo patoh magã mûy ewain kod iruy, antiga waba pikawa yelena ani e. ebo ximãd eka magã, ete pikayey emãtixe, ixõd-ey alakara etiga ter ani e. 10:30 gãd saba toysadena toyalota ani e, ete toyor 17:00 pagãpãd niga, ete éter toyor magâb-ey itxa waotih karîyud tar ani e. mawena ihb etar ipoga toyje eiwar, mawetiga toyaba mãã wa yelena, enater mebê-ey yagãy iwareh yelena ani e. kod toysadeka etiga toysadena guêrekã emãã ena toykerah ena ani e, ãtiga toyaba toyker, mawena toyaxod-ey parkawa yelena ani e. xakalar amakab õb ekarba eka toysadena toyor iwepabi ani e, mawena atora iruy txer.

Toybi kabi toyjeor magâb itxa etiga toysadena piáh ani e. Ixod ajeka yakadena itxer amina abaten, ebo toysadena ximãd eka magã ani e, ãnka toyaka mãtixe ayewa yelena ani e. piah toyjepi toysadena ipõdgã ena gãd eka kodah magã ani e, ete pikayey emãtixe enate.

Magâb epõd emagã polosadena ximãd eka ani e, ete parka antiga yabah yelena, iyõh alade weagapi wena ani e. patih ikíne magâb eyõwe sadena ani e. ena toysadena magâb pãy ena toykerah eka ani e, soepãyena yakade iwepipid toykabi ena, gãrah atíd esamena, toya soeitxa soeterena wesame ani e.



3.3 Experiência da minha família na coleta da castanha

Quando vamos coletar a castanha na mata geralmente nós nos organizamos dias antes, ou seja, preparamos as ferramentas e a comida que vamos levar durante o trabalho. Muitos trabalham junto com suas famílias, ou seja, pais, mães, irmãs e filhas é o momento que todas as famílias se unem para trabalhar. Cada família tem a sua parte de onde coletar a castanha, dentro da área certificada.

A coleta da castanha dentro da comunidade começa no final do mês de novembro e vai até março. Um mês antes da coleta os coletores deverão fazer mutirão para limpar as trilhas dos castanhais com facões, foices e roçadeiras para garantir sua segurança e para facilitar seus acessos até as castanheiras. A coleta da castanha ocorre por semana, ou seja, as pessoas vão em uma semana e na outra semana esperam que outros ouriços possam cair para coletar depois. Na minha aldeia tem três áreas certificadas, em uma área de 32, 2 hectares tem 34 castanheiras, na segunda área de 10, 4 hectare tem 13 castanheiras e na terceira área de 89,7 hectares tem 111 castanheiras.

A maioria das vezes nós vamos em um só dia nas áreas que estão mais perto da aldeia. Iniciamos o dia cozinhando a nossa comida, pegando faca e sacaria para levar ao castanhal. Como os castanhais têm acesso para caminhonete e motos, muitos vão de motos até próximo de onde se inicia a estrada dos castanhais, depois deixamos os motos e seguimos caminhando na trilha do castanhal.

Para coletar a castanha primeiro catamos os ouriços embaixo dos pés, colocando em saco ou em balaio tradicional que é feito de palha de babaçu, depois juntamos em um só lugar em um ponto distante do pé para a segurança da pessoa que vai quebrar. Maioria das vezes são as mulheres e crianças que juntam os ouriços e os jovens e homens quebram o ouriço utilizando facões ou machadinho. O ouriço da castanha é bem duro para quebrar, os homens têm mais experiência de trabalhar com facões.



Imagem 23 – Ouriços de castanha juntados no castanhal



Fonte: Autor

Após quebrar o ouriço vamos colocando castanha no saco aproximadamente 20 a 30 quilos para poder levar até onde fica as motos. Quando estamos colocando a castanha no saco já vamos separar os que foram cortados pela faca e descartar os que estão podres e assim vamos trabalhando em cada pé da castanheira. Quando estamos trabalhando na coleta da castanha temos costume de almoçar às 10h30min e voltamos para a aldeia geralmente por volta das 17h quando começa escurecer na floresta. Quando voltamos para aldeia já podemos trazer castanha que coletamos, por meio de moto e de carrocinha da moto, as vezes nós deixamos em cima de um toco da árvore tampando com folhas de palmeiras para pegar outro dia, tampando bem para que as queixadas não comam as castanhas. Quando nós vamos em castanhais mais distantes acampamos na mata, fazemos barracos de lona ou de palha, ficamos três dias ou mais na mata coletando, ou seja, isso depende de cada família.



Quando trazemos a castanha para aldeia vamos colocando em caixa d'água, iniciando assim o processo da sua limpeza. Quando colocamos na caixa d'água as castanhas podres vão boiando e as pessoas vão catando e colocando no saco para poder jogar na beira da aldeia. Após a lavagem, as castanhas serão colocadas no processo de secagem no terreiro que é feito de cimento ou em pano que é utilizado para colher café, é coberto com lona a noite, a secagem dura o dia inteiro exposto ao sol, ou seja, a secagem depende do calor do sol. Após a secagem da castanha, o produtor vai sendo embalado em sacos para ser armazenado, a castanha é colocada no saco de 30 a 35 kg pronto para ser comercializado.

Imagem 24 – Caminhão carregado com castanha pronta para comercialização



Fonte: Autor

No final da safra a nossa cooperativa compra a castanha de cada produtor por kg e revende para o mercado. E assim vem sendo o trabalho da coleta da castanha dentro da minha comunidade. Trabalhar sustentavelmente sem degradar a natureza, respeitando e valorizando o trabalho e a cultura da comunidade local.



3.4 Geração de renda

A castanha é uma das gerações de renda para as famílias na aldeia Lapetanha, acredito que nas outras também, durante a safra da castanha uma família pode até coletar 2 toneladas no máximo, isso depende da produção das castanheiras por safra, ou seja, tem época que a castanheira produz muito e na outra época bem fraca. A compra da castanha pela cooperativa é por kg. No ano de 2020, 2021 e 2022 o preço da castanha variou, ou seja, no ano de 2020, 1 kg custou R\$ 5,00, em 2021 custou R\$ 6,00 e no ano de 2022 voltou para R\$ 5,00, assim variando a cada ano. Se uma família coleta 2 toneladas da castanha e o preço for R\$ 5,00, o produtor vai receber R\$ 10.000,00 de renda. Isso já ajuda bastante as famílias para comprar alimento e comprar coisas materiais, eletrônicos entre outros.

Imagem 25 – Autor trabalhando na coleta de castanha



Fonte: Autor



Como já sabemos que hoje em dia nas comunidades indígenas tem energia elétricas, muitos compram geladeira, televisão, freezer e outros. Com a renda da castanha outras pessoas compram motos e equipamento de trabalho para roça. Para isso a renda castanha é muito importante por ajudar atender algumas necessidades da família dentro da aldeia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa deste trabalho sobre a castanheira a partir do conhecimento dos Paiter foi muito importante para mim. Apesar de eu ser Paiter, ter crescido dentro da minha comunidade, Aldeia Lapetanha, não tive muito conhecimento sobre minha própria cultura, como também as histórias do nosso povo. Isso não foi por falta de conhecimento, mas sim por falta de eu me interessar de saber e querer mais sobre a minha cultura. Lembro quando eu era ainda crianças meus pais sempre contava histórias para nós, eu e meus irmãos, todas as noites e nós gostávamos de ouvir ele contando histórias. Quando fui crescendo me desapeguei do conto das histórias do meu povo e me dediquei mais sobre os estudos da educação não indígena.

Quando iniciei a pesquisa eu não tinha ideia de quantos são os conhecimentos dos Paiter sobre a castanheira. Antes desta pesquisa eu já sabia um pouco da história, mas eu não dava muita importância por considerar como um “mito”. Ao decorrer desta pesquisa pude compreender o quanto a castanheira é muito importante para os Paiter, não só por ser utilizado como alimentos, mas também pela sua história. A história apresenta informações fundamentais para a existência dos Paiter, ela conta que as pessoas daquela época se transformaram em bichos e com essa transformação também surgiram as regras que serão seguidas para poder consumir aquele bicho como alimento, assim também para a própria castanheira, o respeito que surgiu a partir da sua história que são demonstrados através dos rituais e as regras que ainda são seguidas até nos dias atuais, ou seja, a partir da história a cultura de cada povo surgiu.

Ao longo da pesquisa deste TCC fui refletindo o quanto a cultura sofreu algumas mudanças a partir do contato com não indígenas. Segundo meu pai Agamenon e outros anciões das minhas comunidades as regras (dietas) eram muito respeitadas e hoje em dia isso enfraqueceu, por isso hoje em dia há muitos casos de doenças como não acontecia antes. A partir da minha reflexão percebi o quanto as histórias são reais, que esse conhecimento, ou seja, a cultura se inicia da própria história e elas deve ser valorizado e preservado dentro da nossa comunidade.

Durante a pesquisa fui conhecendo tipos de alimentos tradicionais que são produzidos a partir da castanha através da minha mãe Elza Gõpojog, confesso que a



maioria eu não conhecia, como também nas partes da produção de utensílios materiais que é produzido a partir da castanha.

Como pesquisador indígena, concluindo um curso de Licenciatura Indígena Intercultural, me comprometo dar continuidade nessas pesquisas, conhecer mais sobre conhecimento do meu povo em relação às plantas, rios e animais. Pesquisar para que esse conhecimento Paiter seja valorizado e respeitado pela sociedade envolvente e principalmente para meu povo.

Ao longo do trabalho também aprendi metodologias de pesquisa, principalmente sobre as gravações orais que realizei com meu pai Agamenon e, posterior, transcrição em história escrita, também a rodas de conversa foram muito importantes, porque nesses momentos eu pude compartilhar e fazer perguntas para mais de uma pessoa, trocando ideias além de registrar as atividades que estavam sendo realizada, como fazer fotos e vídeos. Para atingir objetivos que apresentei ao longo deste trabalho dialoguei com trabalho de outros autores indígenas e também não indígenas. Trazendo algumas referências que façam sentido na valorização dos conhecimentos indígenas ou mesmo para criar novas ideias para aprofundar e despertar curiosidade das pessoas que queiram conhecer mais sobre a nossa cultura.

Aprender esses conhecimentos tradicionais do nosso povo como futuro professor da minha comunidade é muito importante, para ensinar aos alunos a valorizar e fortalecer os conhecimentos tradicionais do nosso povo dentro da nossa comunidade. Durante as atividades da pesquisa aprendi a gostar e aprender mais sobre o conhecimento do meu povo, não só a história e sim o costume, língua e o respeito que temos com a floresta.

Este TCC também almeja contribuir com o currículo da escola indígena, tendo em vista a importância de ter a presença das histórias indígenas dentro das escolas da comunidade, porque é uma forma de valorizar a cultura de um povo. A escola é uma das ferramentas onde as crianças indígenas podem aprender a dar valor a sua própria história, e não diminuir a sua história, e assim querer aprender mais sobre o conhecimento do seu povo.

Assim, os alunos podem compreender que as histórias do seu povo têm o mesmo valor das histórias dos não indígenas e que ela precisa ser preservada para as futuras gerações. A partir das histórias indígenas o povo compreende a natureza, ou seja, os animais, floresta e o rios, por meio desse conhecimento se cria relação e o respeito ao



próximo, então as histórias indígenas precisam ser preservadas dentro da comunidade, porque a partir da história se cria conhecimento e cultura, e a cultura é a identidade de um povo

Eu como acadêmico fico muito grato a todos meus colaboradores da minha pesquisa, por me ajudar alcançar esse grande resultado da minha pesquisa, que foi muito maravilhoso, prazeroso que me fizeram querer aprender mais os nossos conhecimentos tradicionais. A castanheira possui história, sua presença na vida Paiter explica muitas coisas, entre elas a presença de alguns animais, a prática de rituais, alimentação, bem como nos últimos anos também significa a geração de renda a partir dos princípios de sustentabilidade.



REFERÊNCIAS

DESCOLA, Philippe. **Outras Naturezas, Outras Culturas**. Editora 34: 2016.

LABIWAY SURUÍ, Renato. **A importância da alimentação tradicional na cultura do povo Paiter da aldeia Lapetanha, Cacoal, Rondônia**. Trabalho de conclusão de curso Licenciatura Indígena, Universidade Federal de Rondônia. Ji-paraná, 2015.

MACIEL, Márcia Nunes. **Tecendo tradições indígenas**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MELATTI, Júlio. **Índios do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: 2007.

MEZACASA, Roseline. **Por histórias indígenas: o povo Makurap e o ocupar seringalista na Amazônia**. Tese (Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis, 2021.

MONTANHA. Gisele. **Mitos do Povo Puruborá**. Trabalho de conclusão de curso Licenciatura Indígena, Universidade Federal de Rondônia. Ji-Paraná, 2014.

PALAVH GAVIÃO, José. **Cooperativismo e a Cadeia da Castanha: novos caminhos para agregar valor aos produtos extraídos da floresta pelo povo indígena Ikólóéhj (Gavião)**. Dissertação (Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade – IPE), São Paulo, 2023.

SONA GAVIÃO, Iram Káv. **Festas Tradicionais do Povo Ikoloehj Gavião**. Trabalho de conclusão de curso Licenciatura Indígena, Universidade Federal de Rondônia. Ji-Paraná, 2015.

WEYMILAWA, Luiz. **Toy Eitxa Toy Je Or Ewe Same: notas da história do povo**. Trabalho de conclusão de curso Licenciatura Indígena, Universidade Federal de Rondônia. Ji-Paraná, 2015.

